





# BREVE COMPENDIO.

E

## NARRAÇAM

DO FUNEBRE ESPECTACULO,  
que na insigne Cidade da Bahia, cabeça da Ame-  
rica Portugueza, se vio na morte de ElRey D.  
Pedro II. de gloriosa memoria, S. N.

OFFERECIDO

A' Magestade do Serenissimo Senhor

# DOM JOAM V.

REY DE PORTVGAL.

COMPOSTO

Por SEBASTIAM DA ROCHA PITTA,  
Fidalgo da Casa de Sua Magestade, Cavalleiro professo da Ordem  
de Christo, & Coronel do Regimento da Ordenançã da  
Cidade da Bahia.



L I S B O A,

---

Na Officina de VALENTIM DA COSTA DESLANDES,  
Impressor de Sua Magestade.

*Com todas as licenças necessarias.* Anno 1709.





# SENHOR:



*E aquelles Gentios, Consules, & Emperadores da antiga Roma, na cegueira da sua Idolatria, amando tanto a vaidade dos seus triunfos; dentro nos mesmos sumptuosos carros, em que fazião a mayor ostentação das suas glorias, levavão hum publico Ministro, que entre os applausos, & acclamaçoens do povo lhe s hia lembrando as inconstâncias da vida, & da fortuna: & se ainda hoje aquelles Principes Cismaticos, Emperadores da superior Ethiopia, q̄ apenas conservão algumas sombras da verdadeira luz, que recebèrão na primitiva Igreja; no primeiro dia do seu Reynado, & no pomposo apparatus do seu passeyo, entre as insignias da sua grandeza levão em hūas cinzas as lembranças da sua fragilidade: hum Monarca tam Christão, como V. Magestade, em quem a Religião Catholica continuada por longa serie de Santos, & exemplares*

Progenitores, com tam profundas raizes vive tam firme, & florece tam robusta; não estranhará, que no feliz ingresso do seu Imperio, entre os arcos triunfaes da sua coroação lhe ponha diante nestas memorias funebres a representação daquillo, a que se reduzem as mayores grandezas temporaes, & as mais bem fundadas glorias humanas: tanto mais para ponderar, quanto a vida de El Rey, que está no Ceo, venerado Pay de V. Magestade, & muito alto, & poderoso Senhor nosso, assim na fortaleza de Heroe, como nas virtudes de Rey, parecia mais permanente, & se suppunha mais dilatada.

Estas ideas serão os mais seguros trofeos das vitorias de V. Magestade; & as memorias de El Rey nosso Senhor os mais formidaveis Exercitos contra os emulos da sua Real Coroa. Pois se dos famosos Heroes bastarão só as reliquias para afugentar, & vencer aos seus contrarios, como das armas de Aquilles fabularão os Gregos, do espirito de Cesar crerão os Romanos, & do cadaver do Cid affirmão os Hespanhoes: este Mausoleo, que representa o deposito das suas Reaes cinzas, posto nos ultimos limites do Dominio Lusitano sobra-  
rá para terror dos Inimigos, & será o mais firme  
ante-






Um applauso do Author no sentimento que  
offerece às memorias do Serenissimo Se-  
nhor Rey D. Pedro II.

SONETO.

**D**essa, que guarda marmore violento,  
Memoria desse Rayo Lusitano,  
Animais hoje o pó mais soberano,  
Contra a barbara ley do esquecimento.  
Fez espelho esse sabio Monumento  
Das lagrimas, que chora o desengano,  
E compoz-se ao cristal o ser humano,  
Ferido pela luz do entendimento.  
Nesta imagem da Vida transparente  
Introduz esse Engenho compassivo,  
Aquella alma discreta, com que sente.  
Viva por vòs com pasmo successivo,  
Pois lhe dais propriedades de vivente,  
Pondo na cinza Augusta o sensitivo.

De Luis Botelho Froes de Figueiredo.



Ao mesmo assumpto.

DECIMA.

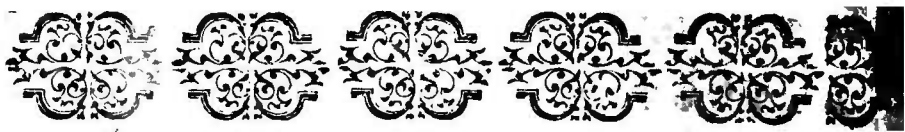
**A** O prelo heroicamente merecidos  
Da Brasílica terra a mais amante  
Soberba a fama em tal compendio cante  
Os suspiros do peito enternecidos ;  
Ia nestes sem primeiros conhecidos  
Ao Monarca segundo em nome Augusto  
Tributos desse clima sempre adusto  
O prelo a eternizallos disvelado  
Se fatiga, pois deixa eternizado  
Heroico o seu gemido ja sem susto.

Em louvor do Author.

SONETO.

**M**orre Pedro ; oh que dor ! mas he mentira ,  
Quando hoje a vossa penna assi discorre ,  
Porque renace Pedro , quando morre ,  
Do Tumulo fazendo berço , & pira .  
Morto está , mas por fama hoje respira  
Vivo em nós , quando em si na Parca encorre ,  
E quanto mais a seu Occaso corre ,  
Tanto mais do Occidente se retira .  
E se a morte he qual barbara homicida ,  
Que sepulta dos homens a memoria ,  
( Mayor morte da fama esclarecida ; )  
Pois a Pedro hoje dais fama notoria ,  
Nessa morte vos deve a vós a vida ,  
E à vossa penna deve a sua gloria .

De Francisco de Souza de Almada.



Ad librum, & ejus Authorem

EP I G R A M M A.

**F**Unera describens Petri, post fata, Sebaste,  
In libro Petrum vivere posse doces.  
Ille quidem Parcæ potuit succumbere diræ,  
Sed tua non possunt hæc monumenta mori.  
Ille quidem sensit mortalia fata, supersunt  
Funere multa tamen non pereunda tuo.  
Eximis imperio mortis cum funere Petrum,  
Mortuus ut vivat tempora longa, facis.  
Ingeniosè quidem, nam dum illum morte redemptas,  
Æternum quærit nomen, & ille tibi.



temural da Monarquia, & até no glorioso car-  
de V. Magestade a melhor coroa do seu triun-  
o.

Porém, se não acaba quem nos seus Successores  
venturosamente vive; ainda existe El Rey nosso Se-  
nhor: pois tornando em berço o tumulto (como a Ave  
da Arabia, que em hum proprio lugar faz sepulcro,  
& ninho) morreo Fenix em si, para renacer Fenix  
em V. Magestade, cujo amor, & cujos attributos  
nos mostrão propagada a mesma vida: de tal sorte, q  
com pouca differença na copia, adoramos em Vossa  
Magestade a propria Imagem; pois ainda que o  
tempo variaſſe nos accidentes o objecto, não mudou  
na sustancia a Deidade, que hoje domina em os nos-  
sos coraçoes com dous imperios, hum pela perpe-  
tua saudade da sua ausencia, outro pela viva repre-  
sentação de V. Magestade. A cujos Reaes pès,  
como a natural centro, correm com as obediên-  
cias os affectos de todos os seus leaes Vassallos, de-  
precandolhe nas acções do segundo Pedro a vida do  
primeiro Affonso; para que a promessa de Deos nos-  
so Senhor feita a este insigne, & primeiro Rey Por-  
tuguez, tenha o ultimo complemento em V. Ma-  
gestade: em quem unidas já mysteriosamente as Aguias

com as Quinas, possam voar, & tremolar no am  
do Mundo; donde reduzidas as Idolatrias ,  
Cismas a huma sò Religião, reconheção no Rom  
no Pontifice huma sò Cabeça, & no Imperio de V.  
Magestade huma sò Monarquia. A Real Pej  
soa de V. Magestade guarde Deos muitos an-  
nos. Bahia 3. de Dezembro de 1707.

Sebastião da Rocha Pitta.

Em

Ao Author.

SONETO.

**S**E em causa tam funesta, & tam violenta  
Se deixa permitir alivio, ou cura,  
De algum modo na dor no lo assegura  
A douta penna, que hoje a representa.  
Quando da magoa descrever intenta  
Triste sim, mas luzida architectura,  
Tudo quanto eterniza na escriptura,  
Parece que da lastima se izenta.  
Conseguiu, que sòmente posta em risco  
Fosse digno suffragio a Magestade,  
E não menos igual padrão a historia,  
E nos seculos eterno esse obelisco,  
Que nos mesmos officios da Piedade  
Caiba tanta lisonja da memoria.

De Luis do Couto Felix.


Ao Author.

SONETO.

**E**N tu pluma discreta, y luzimiento  
Que de Pedro se apuran en la muerte,  
Se mitiga, mirando el dolor fuerte,  
En cenizas ardor, en polvo aliento.  
Parece que percibe de su accento  
Celeste voz por eco de su suerte,  
Quando en tanta elevada pompa advierte  
Que sus luzes le roba al Firmamento.  
Tan soberbia essa Maquina se admira,  
Que con todo el aplauso, que te aclama,  
A competirle con su buelo aspira;  
Pues passando a esplendor lo que fue llama,  
Ocupa con lo altivo dessa Pira  
Los immensos espacios de tu fama.

Do Visconde de Assoca.





Em louvor do Author.

SONETO.

**R**aro Enigma de Engenho sublimado,  
De Engenho, & de Valor raro portento,  
Em quem he tam valente o entendimento,  
Em quem he tam sutil o braço armado.  
Unindo juntamente a Marte irado,  
Mercurio da eloquencia documento,  
O que em folhas louvais muy noble, & attento,  
Com armas defendeis muy forte, & ousado.  
Matais à espada em Marcio desafio,  
Dais vida com a penna neste empenho,  
E não sey por qual fica o senhorio :  
Mas de ambas igual vejo o desempenho,  
Porque venceis na espada a todo o brio,  
E superais na penna a todo o engenho.



Ao Author.

SONETO.

**J** A nobre Sebastião, reconhecida  
Lusitania te está, tuas glorias soma,  
Pois por ti esta dor, que os bronzes doma,  
O desafogo tem de bem sentida.  
Fà de Pedro a presença appetecida,  
Em tua penna nova imagem toma,  
Se a douta narração Panchayo aroma,  
Na sepultura lhe fomenta a vida.  
Dè pois a Fama industria, dè verdade,  
Esse discreto Epitome, & pregoe  
Da Lusa gente a eterna saudade;  
Pois porque em todo o mundo heroica soe,  
Nas letras lhe dàs vozes com que brade,  
Na penna lhe dàs azas com que voe.



Al mismo Autor , aviendo a costa suya embiado desde America a Europa, para en ella se daren a la estampa, las obras funebres , que se avian hecho en la funeral pompa , con que en aquel nuevo Mundo se celebraron las Exequias del inuicto Monarca Don Pedro II.

## SONETO.

**E**N vano el macilento horror, en vano  
El de la muerte pavoroso olvido  
Sepultar la memoria ha pretendido  
Del inclito Monarca Lusitano:  
Porque su nombre, siempre soberano,  
Por tu industria dós vezes renacido,  
De la Parca se admira redemido,  
Si basta aqui por su aliento, oy por tu mano.  
Esse metrico llanto, y feral pompa,  
Que America, con partos más fecundos,  
Rinde a sus aras, vota a sus imperios,  
Mejor refuena en su animada trompa:  
Que si su diestra dominó dós mundos,  
Dós su fama por ti mide Hemispherios.

De Ioseph Soares da Sylva.




A's Exequias do Senhor Rey D. Pedro o II.  
que a Bahia celebrou, escritas, & dadas à  
estampa pelo Coronel Sebastião  
da Rocha Pitta.

### SONETO.

**N**Essa pompa fatal, que vãa numêra  
Tantos lutos, & luzes para ornato,  
Avulta mais a dor que o aparato,  
Arde o affecto mais que toda a cera.  
Assim obra o Brasil, que o desespera  
A morte do seu Rey: & fora ingrato,  
Se de hum tal sentimento no retrato  
Com menores excessos procedera.  
Esta pois fina acção já permanente,  
Reduzida por vós a alta historia,  
Que admira no elegante, & no eloquente,  
Fará que o Reyno todo, em mayor gloria  
De causa tanta, sinta eternamente  
Forçado da saudade, & da memoria.

Do P. Ioaõ de Almeyda, Capellaõ das Frey-  
ras de S. Martha.




À grandeza do Tumulo com que a Cidade  
da Bahia celebrou as Exequias do Senhor  
Rey D. Pedro II.

SONETO.

**E** *Se Tumulo Augusto persuade  
Não horror, mas postrado rendimento,  
Porque as cinzas que esconde o monumento,  
Estão resuscitando a Magestade.  
A alumiar de Estrellas a saudade  
Se eleva, & contra a fè do sentimento,  
Atè deixa a memoria do tormento,  
Servindo de razão para a vaidade ;  
Parece que excedidas as estrellas,  
Vnir ao corpo o espirito procura,  
Fà sem receyo do poder da sorte;  
Eque altamente collocado nellas,  
Lhe està restituindo a sepultura  
O mesmo ser, que lhe roubou a morte.*

De Julio de Mello de Castro.



Ao Author do livro , em que se descrevem  
as Exequias do Senhor Rey D. Pedro II.

SONETO.

**S**o vós pudereis, descrevendo a historia,  
Que foy das nossas magoas instrumento,  
Deixar na elevação do entendimento  
Esquecidas as queixas da memoria;  
Com tanto acerto em pena tam notoria,  
Remontais altamente o pensamento,  
Que ouvido, inda que grande, o sentimento,  
Tudo o que for a lastima, he sò gloria;  
Ennobrecestes o discurso tanto,  
Que quasi nos acertos que derrama,  
Compete de elevado a Magestade;  
E porque o applauso fosse todo espanto,  
Estais atè formando a voz da fama,  
Desse mesmo silencio da saudade.

De Julio de Mello de Castro.



tisfação da demora. E para que dure na eternidade sempre viva a fineza dos seus vassallos, pertêdem agora os daquella mayor parte do mundo , perpetuar por meyo do prelo as heroicas virtudes daquelle grande Monarca, descritas nas emprezas, & nas inscriçoens, com que foy adornado o Mausoleo, que na Sé daquella Cidade se lhe levantou, & com mais erudição em o Sermão daquelle famoso Orador o Padre Domingos Ramos da Companhia de Jesus , digno pelo seu raro talento de tam elevado assumpto. No argumêto deste livro mostra seu Author com elegancia o amor que aquelles vassallos tem aos seus Augustos Monarcas ; & em tudo o que contém, não acho coufa que repugne à nossa santa Fè , ou bons costumes , antes me parece digno de que V Illustrissima lhe dê a licença que pede. Lisboa na Casa de N. Senhora da Divina Providencia 21. de Fevereiro de 1709.

*D. Antonio Caetano de Sousa, C. R.*

**O** Padre M. Fr. Manoel da Esperança , Qualificador do S. Officio, veja a Narração das Exequias de que trata esta petição, & informe com seu parecer. Lisboa 22. de Fevereiro de 1709.

*Moniz. Haße. Monteiro. Ribeiro. Rocha. Barreto*



## ILLUSTRÍSSIMO SENHOR:

**P**Or ordem de V. Illustríssima vi este livro , que trata do Funebre Espectaculo , que os Americanos Portuguezes erigirão ( na Metropoli da Cidade da Bahia ) ao seu, & nosso muito amado Monarca El-Rey D. Pedro II. nosso Senhor, que Deos tem em gloria, Author Sebastião da Rocha Pitta. E se Alexandre Magno ( como diz Plinio ) entre os despojos , que tomou a El-Rey Dario , foy hum precioso cofre todo lavrado de fino ouro, & imbutido de pedras preciosas , a fim de meter nelle os livros de Homero , para mostrar o muito que estimava tam soberano thesouro : *Alexander Magnus (capto inter spolia Darij Regis) scriinio , quod erat auro, gemmis, ac margaritis pretiosum) libros Homeri , quos tanto dignos loculo existimabat , inclusit.* Com muita mayor razão devia este livro ser guardado em o mais rico cofre, que houesse em todo o mundo, não só por razão da materia de que trata , senão por razão da fórma , & grande eloquencia com que está escrito. Nelle ( como em espelho) verão todas as Naçoens o grande amor , que os Americanos Portuguezes sempre tiverão , & tem aos seus Reys ; porque se a melhor prova do amor ( como diz S. Gregorio Papa) se conhece pelo que se dispende com o bẽ amado : *Probatio dilectionis executio est operis* ; não sey eu que haja no mundo Nação alguma, que tenha mostrado para com os seus Monarcas amor mais agigantado, que os nossos Americanos Portuguezes ; aos

quaes ( para que ficassem eternizados na nossa lembrança ) deviamos levantar infinitas estatuas , como fizeram os Athenienses ao seu Demetrio Phalero. A Coroa deste livro he hum Sermão funebre, que prègouo M. R. P. M. Domingos Ramos, da doutissima , & santissima Familia da Companhia de Jesus , singular engenho dos nossos tempos , & mayor honra da America Portugueza, cuja imagem, & retrato ( para que em nenhum tempo cahisse da nossa lembrança, em final da grande estimação, que todos os Portuguezes faziaõ de suas prendas ) se devia pôr naõ só em as Bibliotecas da Companhia, senaõ tambem em as de todo o mundo: como Septimio fez à imagem do seu Marcial, & Asinio Polio à de Varro. Tudo quanto se contém neste livro, he ajustado com os dogmas da nossa Fè, & bons costumes, & assim entendo, que póde sahir a luz. Este he o meu parecer , V Illustrissima disporà o que for servido. Carmo de Lisboa 7. de Março de 1709.

*Fr. Manoel da Esperança.*

**V**istas as informações, pódẽ-se imprimir as Exequias de que trata esta petição , & impressas tornarãõ para se conferir , & dar licença que corraõ , & sem ella naõ correrãõ. Lisboa 8. de Março de 1709.

*Hasse. Monteiro. Ribeiro. Rocha. Fr. Encarnaçãõ.  
Barreto.*

# Do Ordinario.

**P**odem-se imprimir as Exequias de que trata a petição, vista a licença do Santo Officio, & depois de impressas tornem para se conferir, & sem isso não correrão. Lisboa 21. de Março de 1709.

*B. de Tagaste.*

# Do Paço.

**M**anda ElRey nosso Senhor, que Antonio Rodriguez da Costa, Cõselheiro Ultramarino, veja este livro, & ponha nelle seu parecer. Lisboa 11. de Março de 1709.

*Oliveira. Carneiro. Lacerda. Botelho.*

## SENHOR:

**V**I este livro composto por Sebastião da Rocha Pitta, Fidalgo da Casa de V Magestade, como V. Magestade foy servido ordenarme, o qual contém huma elegante descripção do magnifico apparatus, & demonstraçoens com que o Governador, & Capitão General do Estado do Brasil Luis Cesar de Menezes, juntamente com o Arcebispo, Clero, & Nobreza da Cidade da Bahia celebrou as Exequias à memoria de  
ElRey

El Rey Dom Pedro II. nosso Senhor que está em gloria ; & hum douto Sermaõ que nellas prégon o Reverendo Padre Domingos Ramos da Companhia de Jesus : & me parece o livro não só digno da licença que pede seu Author para o imprimir , mas que convirá muito que se faça publico por este meyo, para que na magnificencia do apparato com que naquella Metropoli da nova Lusitania se solemnizãrão as ultimas honras do nosso Monarca, & nas verdadeiras demonstraçoens de sentimento que aquelles vassallos derão naquelle fatal golpe, se veja com evidencia que a fidelidade Portugueza , & o amor com que esta fidelissima nação ama aos seus Principes, he tam constante, & invariavel, que nenhuma distancia , & nenhuma differença de clima, por mais estranho , & apartado que seja, he poderoso a diminuirlhe o ardor do seu affecto, & a grandeza da sua veneração ; antes parece que quanto os Portuguezes mais se afastão da sua origem, & do berço em que nascêrão , tanto mayor he o obsequio que tributão à Magestade , imitando nesta parte a natureza dos rios , que quanto mais se apartão das suas fontes , tanto mayor tributo , & veneração rendem ao Oceano donde recebêrão o ser. Este he o meu sentimento, V Magestade mandará o que for mais do seu Real serviço. Lisboa 15. de Março de 1709.

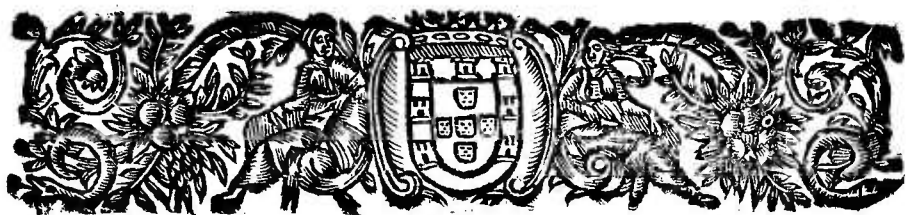
*Antonio Rodriguez da Costa.*

Que

**Q**ue se possa imprimir , vistas as licenças do S. Officio, & Ordinario , & depois de impresso tornarà à Mesa para se conferir, & taxar, & sem isso não correrà. Lisboa 18. de Março de 1709.

*Oliveira. Lacerda. Carneiro. Botelho. Costa.*





Quando o Lusitano Sol Monarca do Emisferio Portuguez , de quem recebiaõ benigna luz atè os mais apartados Astros da sua dilatada Monarquia , depois do horrendo eclipse de huma perigosa enfermidade, pareceo que livre dos mortaes deliquios voltava com vigorosos rayos para o soberano Oriente do seu Trono; deixou a brilhante Esfera do seu Imperio ao mais digno substituto das suas luzes , & caminhando apressadamente para o seu occaso, fez do Real Templo de S. Vicente o seu sepulcro. Lugar , que hoje os Portuguezes, como centro da sua dor , consagraõ à sua saudade com mais obsequioso culto, que os primeiros Lusitanos em outro tempo , quando adorando ao Sol material, o Cabo de S. Vicente, em que entendiaõ que elle se sepultava, como a Altar da sua Idolatria , constituirão sagrado da sua veneração.

A noticia infesta desta fatal ausencia, que em termo breve enlutou de sombras os remotos espaços do Orbe Portuguez, chegou a esta Bahia , a mais estendida Zona do seu dominio , em huma esquadra de

A

Naos,

Naos, em que Lisboa sobre o mar de suas Conquistas nos communicou as correntes do seu pranto; & crescendo com as nossas lagrimas, formarão outro mais immenso mar de magoas, & laudades.

Principiou o universal sentimento nesta Cidade, primeiro com intimos extremos, & logo com publicas demonstraçoens, pelo General Luis Cesar de Menezes: assim por ser o primeiro Movel deste Estado, como Governador, & Capitão Geral delle; como porque sendo hum dos mayores vassallos da Coroa Portugueza, no sentimento da morte do seu Monarca se achava tam empenhado pela grandeza da sua Casa em Portugal, como pela obrigação do seu cargo no Brasil. E dispondo o funebre espectaculo, se pregoarão os lutos, se fecharão os Palacios, & se suspenderão por muitos dias os Tribunaes: em cujas primeiras successivas noites, passando a vehemencia da dor já das creaturas racionaes às insensiveis, se mostrarão sentidas as pedras, nas inexpugnaveis Fortalezas pelos ecos dos tiros, & nos Templos sagrados pelo som dos metaes, que com incessantes vozes penetrando os mais remotos horizontes, davaõ do nosso sentimento militares, & Ecclesiasticos finaes.

As milicias (cujas operaçoens não podem suspenderse, por consistir na lua vigilancia a segurança das Praças.) caminhavaõ aos seus ordinarios postos, rendidas, & sem adorno as armas; roucos, & com horror os tambores; envoltas, & a rasto as bandeiras: com-



petindo na militar tristeza com as Cohortes Romanas nas mortes de Augusto, & de Germanico, & com as proprias Portuguezas nas de Viriato, & de Sertorio, seus Monarcas, & Capitães.

Seguiu-se logo o horrivel acto, com que o Magistrado da Camera desta Cidade ( tam zeloso do serviço dos seus Reys, como leal às suas memorias ) composto este presente anno, como sempre, de muy dignos Vereadores; cubertos os corpos do luto que vestiaõ os coraçõens, em cavallos ajaezados funebre, & luctuosamente, pelas mais frequentadas praças, & mais publicas ruas da Bahia, segundo o estylo Portuguez, quebrava os Reaes Escudos: a cujo lamentavel ruído respondia com lastimosos ecos o clamor popular.

Depois de algum intervallo de tempo, de que necessitou a fabrica grande do magestoso Tumulo, se fizeram as Reaes Exequias. Esta funebre, & sumptuosa maquina se encarregou ao grande cuidado, & muita intelligencia do Secretario do Estado Gõçalo Ravaasco Cavalcanti & Albuquerque, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, Cavalleiro professo da Ordem de Christo. Tinha setenta & hum palmos de alto, & de largo trinta & oito: era de architectura Dorica, de obra pyramidal, & como oitavada. Cada húa das faces principaes tinha a largura de trinta palmos, & entrava com quatro por cada lado nos oitavos dos cantos, cujas faces ficavaõ com oito palmos

4  
de largura cada huma. Formava-se o primeiro corpo em hum plinto de hum palmo de alto , sobre que hia hum degrao de palmo & meyo , que recebia todas as quartelas : as quaes tinhaõ treze palmos de alto , terminando em hum cornijamento repartido em cornija, frizo, & arquitrave , na fórma da architectura Dorica, sobre o qual corria huma varanda de balaústes em roda. Em cada huma das quatro faces principaes havia quatro quartelas , duas no meyo , & duas nos cantos : entre as do meyo se formava em cada frente huma gentil portada , por dentro da qual estavaõ em perspectiva tres vistosos arcos : entre as quartelas dos cantos hia outra quartela , recebendo todas a obra , que lhes ficava imminente na fabrica de cima. Nos espaços que havia entre as quartelas dos meyos , & as dos cantos , se viaõ dous proporcionados paineis em cada frente, cõ dous resaltos de palmo em quadro por cada parte. Nos fechos das quatro portadas deste primeiro corpo , em luzidas tarjas se liaõ com letras de ouro escritos os seguintes versos Latinos.

No primeiro:

*Ter Magnus, ter Maximus  
Rex nuper Lusitaniae,  
Heu! quantus est in Tumulo  
Ter parvus, ter minimus!*

No

No segundo :

*Da Petro, quisquis ades,  
Da nunc perennes lacrymas:  
Ni fleas, heu ! Caucaſeâ  
Tu durior es petrâ.*

No terceiro :

*Secundus juſtè Petrus  
Ubique juſta poſtulat :  
Regum nulli Secundus,  
Et Pietate Primus.*

No quarto :

*E quatuor Orbis partibus  
America dolentior  
Has Petro mixtas exhibet  
Orbe ex utroque lacrymas  
Lufitanas, & Braſilas.*

Sobre eſte corpo ſe levantava o ſegundo com oito Doricas colunas, duas em cada hum dos cantos, aſſentadas ſobre reprezas de ſete palmos : & tinhaõ vinte & hum de alto, com capitel, acabando com hum cornijamento da meſma ordem de architectura, repartido em cornija, frizo, & arquitrave. Em roda delle cor-

6  
ria huma banquetta de balaústes : & em correspondencia de cada coluna hia hum pedestal de tres palmos de alto , que recebia huma pyramide de quinze. Sobre este cornijamento descansava o zimbório, ou cupula, de obra de gomos, com quinze palmos de alto , rematando em huma peanha de quatro & meyo. Junto às colunas pelas faces principaes hiaõ os pilares, que formavaõ hum arco abatido em cada face, cujo vaõ tinha de alto vinte & sete palmos, & de largo dezaseis.

Neste capacissimo vaõ se formava o corpo do meyo, da mesma obra, como porção do primeiro, & se assentava em hum degrao de dous palmos & meyo, tendo nove de alto. No meyo de cada hũa das suas quatro faces hia huma bem formada porta com seu ajustado remate entre duas quartelas , acabando em hum cornijamento de palmo & meyo, sobre o qual se levantavaõ dous degraos, hum de tres , outro de dous palmos & meyo, onde se assentava hum Trono de oito , em que estava a Urna, ou Tumulo , que representava o deposito do Real Cadaver.

Compunhase por dentro a meya laranja do zimbório de preto com passamanes de ouro, & do mesmo se vestia este corpo, que ficava no vaõ das colunas , & arcos ; tendo as quatro portas delle cortinas de ló negro com flores de ouro. Todas as outras porçoens desta grãde maquina se cobriaõ de branquissima , & bem lavrada cera, a mayor parte dourada, sobre negro.

Nos arcos interiores formados em perspectiva, que se vião pelas quatro portadas do primeiro corpo, estava a Bahia por destrissimo pincel representada em quatro Imagens, em que se vião distintos effeitos nascidos de huma só relevante causa : em copiosas lagrimas provocava prantos : em sermoso exaltate infundia assombros : em suave lastima persuadia saudades : & em acção muda inculcava respeitos. Nestes quatro amorosos impulsos, repartindo as Ideas, multiplicava as dores ; que por innumeraveis não podendo caber em hum só traslado, foy preciso dividilhes, ou acrescentarlhes as copias.

Nos espaços, que entre as colunas formavão os oitavos dos cantos, sobre reprezas de cinco palmos de alto, que assentavão em pedestraes de sete, estavam com as cabeças recebendo os capiteis daquelle vão, & como sustentando a pezada cupula, as quatro partes do Mundo, que cinge o Dominio Lusitano ; tendo cada qual aos pès na fórma de hum bruto o mais generoso parto, que em cada hũa dellas produz a Natureza: hũs, & outros simulacros tam destramente lavrados, que a ser a materia pedras, & metaes, pareceriaõ as estatuas de Fidias, & Praxiteles. Pelo valor Portuguez se via no Leaõ domada a fereza da Africa : pela sua Religião, illuminada no Elefante a cegueira da Asia : pela sua politica, domesticada no Tigre a barbaridade da America : & pela sua soberania, sojugado no Touro o poder da Europa. Todas mostravão sentir

o estrago, que a morte em hum só golpe por ellas re-partio : podendo admirarse a grandeza desta ruína, que chegou a encher o ambito do Mundo ; com mais razão, que a de Pompeo por haver occupado tres partes delle. Cada huma das quatro partes do Mundo tinha em hum braço hum escudo, ou tarja, em que se vião em letras de ouro os versos Latinos seguintes.

Na Europa :

*Europa Tauro amabilis,  
Stratos tauros commemorans  
A Rege valentissimo ;  
Non fictis modò lacrymis  
A morte stratum queritur :  
Heu vires validissimæ,  
Imbecillæ, & invalidæ !*

Na Asia :

*Torvus, qui gestat Asiam,  
Regemque adorat, Elephas,  
Dominatricem cogitat,  
Illo obeunte, abjicere.  
Quo stante stabat India,  
Heu ! ne cadente decidat !*

Na Africa :

*Ad luctum venit Africa  
Nuda, & ore nigerrima,  
Et cum Leone rabido  
Rugit, hoc Rege mortuo.*

Na America :

*E' quatuor Orbis partibus  
America dolentior  
Has Petro mixtas exhibet  
Orbe ex utroque lacrymas  
Lusitanas, & Brasilas.*

Nos pedestaes, & reprezas, em que estavão affen-  
tadas estas figuras , quatro caudalosos Rios se desco-  
brião, cada hum em aquella Região por onde leva o  
curso natural das suas correntes , todos sulcados das  
proas Portuguezas, & dominados da sua fortuna : tam  
vivamente fingidos , ou retratados , q̃ não carecêrão  
dos pinceis de Zeuxis , & de Apelles. Parecia correr  
na Europa o Tejo tam triste , que com a turbação  
dos seus cristaes escurecia o ouro das suas areas : o In-  
do tam sentido na Asia, que com a desordem das suas  
aguas descompunha as flores das suas margens : na  
Africa o Zayre tam alterado, que com o impeto das  
suas correntes fugia da extensão dos seus braços : na  
Ame=

America o Pará tam perplexo , que com a confusão das suas ondas impedia a respiração das suas bocas. E parecião ter todos linguas para a queixa , & olhos para o pranto ; porque sendo insensiveis , fez nelles a propriedade dos retratos, o que a serem racionaes obràra a força dos sentimentos.

Nos meyos dos quatro arcs das faces apparecião , como por fechos, ou remates delles , em quatro tarjas os Reaes Escudos Portuguezes, temidos em todos os lugares, & naquelle mais respeitados, que os Escudos Anciles no Templo de Marte.

Por cima da cornija do zimbório, em correspondencia das tarjas, se vião quatro Ciprestes : planta, que introduzio nos sepulcros Attalo Rey de Pergamo ; porque, como a vida humana , huma vez cortada não torna a renascer.

Nos oitavos dos cantos , que formava a mesma cornija , entre as pyramides , & sobre as quatro partes do Mundo, se descobrião luctuosos , & como rendidos os Estandartes Lusitanos , que já triunfantes , & alegres se virão nellas repetidas vezes arvoados : estando alli como despojos do alento , & da grãdeza, os mesmos que forão sempre trofeos do valor, & da fortuna.

Da meya laranja da cupula pendia com franjas de ouro hum docel de purpura, ( cor, que nos Reys nam póde destingir a morte ) sendo do mesmo o panno que cobria o Tumulo , & o coxim em que sobre elle  
estava



estava a Imperial Coroa Portugueza; cuja circumferencia abraça o ambito de muitos Orbes.

Com quasi oitocentas tremolantes luzes brilhando este elevado monte de resplandores, parecia verdadeiro Olympto, que na terra vestia as Estrellas, de que fingem coroar-se na Esfera: ou Babel de linguas de fogo, que não em sacrilegios, mas em holocaustos procurava subir ao Ceo: se não era amoroso Mongibello, que como centro dos nossos affectos, pelas suas lavaredas exhalava os nossos coraçoes, materia tam copiosa para os seus ardores, que primeiro lhe poderiam faltar bocas, que incendios. Prodigioso Elemento he o Fogo! Nelle ardem os aromas, que se offercem a Deos: & com fogo se fizeram sempre os seus sacrificios. Para o de Abraham na Ley da Natureza, a materia das chamas levava aos proprios hombros Isaac: com fogo sacrificavão na Ley Escrita os sumos sacerdotes, ou Pontifices no Templo de Jerusalem: & com o concurso do fogo se faz o melhor Sacrificio na Ley da Graça. Até os Gentios não só purificavão com fogo as victimas, mas tambem crião, que os seus semideoses gastavão nelle a porção terrena, para entrarem de todo divinos no Ceo: como fez Hercules na fogueira em que ardeo no monte Oeta, por gastar a parte, que pela mãy tinha de mortal. Oh Elemento, crisol dos desejos, & Emblema do amor! Que se o roubo de hum sacrilego te trouxe hũa vez do Ceo à terra; a devação de muitos Fieis te está subindo

bindo repetidas vezes da terra ao Ceo.

Sobre a peanha rematava o magestoso Edificio a Morte, como fim, & remate de todas as cousas humanas. Adornava-se de huma Imperial Coroa , ostentando o seu poder no mayor carro do seu triunfo. Tinha, como por trofeos desta victoria , em huma mão hum clarim, & na outra a Eternidade , onde não pôde negar jurisdicçoens à vida dos gloriosos Heroes , que como o nosso Monarca se immortalizão na fama , & se eternizão no tempo.

Se se houvessem de meter neste Mausoleo as famosas Estatuas dos esclarecidos Principes , & soberanos Monarcas , que com o seu generoso sangue concorrerão para o nacimiento de ElRey D. Pedro II. Senhor nosso ( como costumavão os insignes Romanos pôr as dos Ascendentes nas suas celebres Exequias, de que foy primeiro inventor o seu segundo Rey Numa Pompilio ) ainda que fora, como em breve mappa , reduzindo a estreitas linhas , & miudos pontos as immensas distancias do Universo ; seria este grande Theatro muy curta Scena para representação tam magestosa. E assim , se reservão para se collocarem nos trofeos dos triunfos, que ha de lograr o seu inlyto Successor, onde como exemplares vivos por memoria, & representados por objecto , possaõ obrar nos tronos os estimulos, que não podem infundir nas sepulturas. E se Cayo Mario , porque lhe faltãrão as dos Progenitores, dizia, que o mayor louvor era não

necessitar das glórias, & das estatuas dos Ascendentes :  
esperamos da Real indole, & sublime educação de El-  
Rey nosso Senhor Dom João Quinto ( que Deos  
guarde ) impere tam generosamente , que possa glo-  
riar-se das suas proprias, sem dependencia das dos seus  
Heroicos Antepassados.

Este aggregado de perfeitas partes constituhia hũ  
fermoso todo, & formava huma estatura admiravel :  
& sendo tam avultado , fazia na ajustada proporção  
das suas medidas tal harmonia com a grãdeza da Igre-  
ja ; que parece emendava em primor maravilhoso o  
defeito , de que se arguhio a Fidias na formatura da  
estatua de Jupiter Olympico , que parecia não caber  
no Templo , em que estava. E se sem embargo da-  
quella imperfeição , mereceo ser huma das sete ma-  
ravilhas : esta maquina erigida na Bahia , ainda que  
lhe faltou o lustre, & o preço do ouro, & do marfim,  
lhe abundarão em tal grao os acertos do compasso, &  
as perfeições da arte ; que cedendo às maravilhas do  
Mundo pela materia , a todas podia fazer ventagens  
pela fórma.

Liaõ-se por varias partes do Mausoleo em sutis  
Epigrãmas, & elegantissimos versos feitos pelos mais  
excellêtes Poetas da Bahia , as celebres inscripções, &  
famosos Epitafios, q̄ aqui vão copiados: para os quaes  
deo a saudade o assũpto, a lêbrança o papel, o lentimẽ-  
to a penna, as lagrimas a tinta , o amor os conceitos ,  
& a magestade a idea. Elcritos em tantas linguas , co-  
mo

mo se virão no sepulcro do Emperador Gordiano, & sem os hyperboles que se gravarão nos de Trajano, Septimio Severo, & outros Principes, que devèrão ao encarecimento alheyo, o que o nosso Monarca às virtudes proprias.

Esta he a fabrica sumptuosa, & triste, q̄ na insigne Cidade da Bahia, Cabeça do opulento Estado do Brasil, erigio o oblequioso affecto do General Luis Cesar de Menezes à perpetua lembrança do Serenissimo Rey Dom Pedro Segundo Senhor nosso: & se não pela firmeza da materia, & grandeza da architectura; pôde pelos votos, & sacrificios do amor exceder ao Mausoleo de Caria, às Pyramides do Egypto, às Colunas, & Obeliscos de Roma, depositos dos seus Reys, dos seus Monarcas, & dos seus Emperadores. Não foram mais constantes os Troseos, Theatros, & Sepulcros, que levantarão os antigos Cesares do seu appellido: Cayo Julio à posteridade de Mario, Octaviano Augusto às memorias de Marcello, & Elio Adriano às cinzas de Pompeo. Porque aquellas maquinas, fabricadas com as medidas, ou ideas da vaidade, desbaratou o tempo; & esta, formada com os compassos, ou descompassos da dor, eternizarà a faudade.

Viaõ-se as paredes da insigne, & espaçosa Cathedral cubertas de negro com passamanes de prata: de luto a cadeira, em que assistia o Governador, & Capitão Geral, & os assentos em que por sua serie estavaõ os Tribunaes, que todos ficavão da frente do Tumulo

lo para o Cruzeiro da Igreja : em cujo Coro, ou Capella mór appareciaõ em numero grande Prelados, & Religiosos de diferentes Ordens. Os outros lugares occupava numerofo concurso da Nobreza, & Povo, que não cabendo já nas Tribunas, Capellas, & corpo do Templo, occupavaõ as ruas mais vizinhas às portas delle.

Affistia em fitial com cappa de Alperges, & Insignias Pontificaes o Illustrissimo Dom Sebastião Monteiro da Vide, Arcebispo Metropolitano do Brasil : cujas grandes virtudes, insignes letras, & singulares prerogativas de Prelado o fazem benemerito nam só da Primazia da America Portugueza, porèm dos mais supremos lugares da Igreja Romana : & com a compostura, & gravidade proprias da sua Dignidade, & naturaes da sua Pessoa, presidia, & capitulava no Coro ao Reverendo Cabido, & aos Beneficiados da Sé, que com intenção pia faziaõ devota, & magnificamente as Reaes Exequias.

Quatro acordes, & ajustados Coros de vozes, & instrumentos, reduzindo o triste som dos soluços a sonoras clausulas do canto, formavão da corrente das nossas lagrimas a mayor consonancia da sua harmonia. Ao som da sua arpa entoava David os seus gemidos : dos seus prantos, & das Lamentaçoens de Jeremias se compoz a mais suave musica da Igreja. Desta forte encomendavão a Deos nosso Senhor aquella Alma ditosa, que em Coros celestes ouvindo Angelicos cantis

canticos, piamente devemos crer estará rogando à suprema Magestade pela conservação dos seus vassallos, aumento dos seus Reynos, & ultimo complemento da promessa divina feita no câpo de Ourique ao primeiro Fundador da sua Monarquia. E se já vimos, que em ElRey defunto (pela melhor conta, decima-sexta geração daquelle Principe) attenuada a Prole Real Portugueza com o primeiro quasi esteril matrimonio, poz Deos os olhos de sua misericordia, como prometteo, dandolhe em segundo, & mais venturoso conforcio a dilatada, & generosa descendencia, que ha de levar o seu sagrado nome às partes mais remotas: esperamos de intercessor tam poderoso a total satisfação da infallivel palavra, estabelecendo em Portugal o mais firme, & o mais estendido Imperio; para que logre o Mundo Christão huma Monarquia permanente, mayor que as quatro tam grandes, & inconstantes, que vio o Mundo Gentilico.

Nesta admiravel ordem se principiãrão com sollemnissimas Vesperas as sumptuosas Exequias na tarde de dezanove de Outubro deste presente anno de mil & setecentos & sete: & entã se tornãrão a repetir cõ tristes ecos as vozes dos finos, até o ultimo periodo da solennidade do dia seguinte: no principio do qual se differãrão por todos os Altares da Igreja (que estavaõ vestidos com ornamentos negros) innumeraveis Missas, humas por esmola da Real fazenda, & outras por votos de affectos particulares, que souberãõ cõverter

o mais fino amor no melhor sacrificio. Foraõ nota=veis os holocaustos, com que a cega Gentilidade apla=cava as suas falsas Divindades, & as invocava propi=cias às Almas dos seus defuntos, excepto aquella Sei=ta, que negava a immortalidade dellas : sacrificava=lhes, & lhes offerencia por oblaçoens o sangue, & as entranhas dos animaes. Oh quanto a pudera admirar a pureza dos sacrificios da verdadeira Religiaõ, onde as victimas são o proprio Corpo, & Sangue de Christo!

Depois das Laudes proferidas com as ceremonias Ecclesiasticas de tam sagrado acto, foy para o Altar mayor com pomposo, & Pontifical apparatus Sua Illustrissima, & cantou a Missa, não podendo suspender as lagrimas.

Dita a Pontifical Missa, subio ao Pulpito o Muito Reverendo P.M. Domingos Ramos Religioso da Cõ=panhia de Jesu, sujeito entre os grandes talentos do Brasil dos mais benemeritos de tam grande Assum=pto, por doutrina, por virtudes, & pela profissaõ de todas as Sciencias, que o fizeraõ venerado na America, admirado na Europa, & em todo o Mundo conhecido: & fez a Oraçãõ funebre, que vay inclusa neste Compendio, tanto melhor representada, do que es=crita, quanto he mayor o ser, que à energia das pala=vras communica a alma das acçoens: sendo naquelle acto as suas tam proprias da eloquencia, & tam natu=raes da mágoa, que nũca se vio mais rhetorico o sen=

timento, nem com mais concerto a dor ; pois nem os seus soluços lhe embargarão os pensamentos , nem as nossas lagrimas lhe roubarão as atenções. Comparado com a materia, foy breve o discurso : porem nelle ( como os Cosmografos, & Arifmeticos , reduzindo a hum ponto o incomprehenfivel , & a huma cifra o infinito ) conseguiu o fazer das inexplicaveis virtudês de tam grande Monarca hum acertado Epilogo, em que as fuaſas ſempre veneradas memorias ſerão mais permanentes , que as que ſe lhe dedicaõ nos Mauſoleos mais ſumptuoſos ; pois ſó aquellas , com que as pennas dos Oradores immortalizãõ aos Principes, paſſãõ a carreira dos ſeculos livres das injurias, & juridiçõens do tempo : & as que ſe lhes gravãõ nos arcos triunfaes , ou ſe lhes eſculpirãõ nos monumentos , acabãõ com aquelles ſoberbos edificios, de que apenas, como de Troya , ſe vem os ſitios, em que forãõ edificadõs ; conſervandõ ſe nas poucas regras, & nos pequenos volumes de Livio, de Tullio, de Plinio , de Homero , & de Virgilio, para durar eternidades.

Seguirãõ-ſe ultimamente os Reſponſorios ditos por Sua Illuſtriſſima , & pelas primeiras Dignidades da Sè, todos com profunda devaçãõ , & pranto copioſo.

Com eſta ſumptuoſidade ſe fizerãõ ao Senhor Rey Dom Pedro Segundo as honras funeraes , ainda mais celebres pela mãõ, que pela grandeza. Hum foy o ſe-



sepulcro, que na Bahia se levantou à sua posteridade : muitos os Altares, que nos peitos se consagraraõ à sua veneração, onde ardem os affectos , sem consumir-se as memorias, que se fazem mais eternas, quando com fogo de amor se rubricão nos coraçãoes ; sendo instrumento, que lhes grava os caracteres, a mesma chama, ou letta, que lhes abre as feridas. E desta sorte, se quẽ morre, jaz por descanso na sepultura ; na fineza de quem vive, existe por cuidado.

Tal foy a morte , & tal será a vida do nosso Monarca : caduca, quanto à nossa natureza ; quanto ao nosso amor, immortal. Porque, se de pays a filhos cõ as obrigaçoens se herdão os affectos ; em nós, & em nossos descendentes ha de ter a sua lembrança a duração do Mundo , que he a ultima balisa, a que chega o curso dos viventes , & o horizonte mais distante a que se estende a esfera dos mortaes.





# SONETOS

## do Author.

Ao Tumulo, que ao Serenissimo Senhor Dom Pedro Segundo se fez na Cidade da Bahia Cabeça do Brasil, porção mayor do Imperio Lusitano.

### SONETO.

**E**STE horroroso Alcacer da saudade,  
 Da magoa soberbissimo aposento,  
 Onde mora a lembrança por tormento,  
 Onde vive por culto a Magestade:  
 Altar ao melhor Rey da nossa idade,  
 Que logra em firme E<sup>o</sup> duplicado assento,  
 Como humano na terra, monumento,  
 E cadeira no Ceo, como Deidade:  
 He memoria, que ao seu segundo Marte  
 Pedro eterniza em magoas a Bahia,  
 Onde competem dor, grandeza, E<sup>o</sup> arte:  
 Mostrando nesta grande fantasia,  
 Que lhe tocou do amor a mayor parte,  
 Como parte mayor da Monarquia.

A' Imagem da Morte , que sobre o Tumulo estava  
 coitada, tendo em huma mão a Fama , & na  
 outra a Eternidade.

S O N E T O .

**O** H tu, que do poder fazes vaidade,  
 Quando ao Cetro de Pedro não perdoas,  
 E mostras que no fragil das Coroas  
 De ser mortal não livra o ser Deidade.  
 Se chegas a prostrarlhe a Magestade;  
 Como tanto ás virtudes lhe apregoas,  
 Que dellas o clamor na Fama entoas,  
 E a memoria lhe poens na Eternidade?  
 Se sempre dos teus golpes foy effeito  
 Pôr ao applauso fim, como a esperança;  
 Que amor he este agora? Que respeito?  
 Mas he, que o ser de Pedro tanto alcança;  
 Que, se chega a acabar quanto ao preceito,  
 Não se pôde extinguir quanto à lembrança.





Em a morte do Serenissimo Senhor Dom Pedro  
Segundo Rey de Portugal.

S O N E T O.

**O** H Rey, por cujo amparo o Luso elama  
Com pranto, com horror, & com tristeza:  
Morto por pena, vivo por fineza:  
Cinza fria, mas sempre ardente chama.  
Se contra tanto resplandor se inflamma  
A Morte: só vos tira nesta empreza  
A vida, que vos deo a Natureza;  
Mas não a vida, que vos deo a Fama.  
A Morte pertendeo nesta victoria  
Triunfar de Vós: porèm com dor interna,  
Elle despojo foy da vossa gloria.  
Porque o grande Motor, que nos governa,  
Porque fosses Trofeo sò da memoria,  
Vos deo vida mortal, mas fama eterna.





## *Romance do Author.*

Al Mausoleo ardiendo en fuegos, y vistiendo lutos.

**C**ompendio de luz, y sombra :  
 Cielo de Estrellas, y horrores :  
 Para las Esferas gala,  
 Y luto para los Orbes.  
 En el resplandor, que vistes,  
 De que nube te compones  
 Con multitud de tinieblas  
 En tanta copia de Soles ?  
 El traje, de que te alinas,  
 Es todo contradiciones :  
 Y no conoces tu mismo,  
 Si eres dia, ò si eres noche.  
 Que Planeta en ti se ostenta  
 Con deliquios, y candores,  
 En el Oriente ufano,  
 Y triste en el Orizonte ?  
 Que Astro pues en ti se mueve  
 Sin curso, pero con orden ;  
 Y parece al mismo tiempo  
 Sol que nace, y que se pone ?

Si eres Emisferio en rayos,  
 Nublada Esfera en colores ;  
 Como embueltas con las glorias  
 Puedes juntar las passiones ?  
 Di : que mysterios son estos,  
 En que públicas, y escondes  
 Mucho para los discursos,  
 Tanto para los dolores ?  
 No hagas del silencio alarde ;  
 Que arder, y callar se oponen :  
 No se callan los gemidos,  
 Quando los pechos se rompen.  
 Si eres Volumen de Amor  
 Con Estrellas por renglones ;  
 En ti las quejas se escrivan,  
 O las memorias se borren.  
 Si eres carcel, donde estan  
 Nuestros afectos conformes ;  
 O nos suelta los suspiros,  
 O nos quita las prisiones.  
 Si eres Sepulcro de un Rey  
 Mayor, que ha tenido el Orbe ;  
 No solo en incendios pagues,  
 Quanto en Magestad recoges.  
 Pública en tu voz tu empeño :  
 Y haràn luego tus clamores  
 ( Pues la grandeza te ensalça )  
 Que los ecos te coronen.

*Pero harto en brillar lo dizes:  
 Todo en arder lo propones ;  
 Porque en las lenguas del fuego,  
 Los movimientos son voces.  
 Palabras son tus centellas,  
 Tus incendios son razones,  
 Que con las luzes se han hecho,  
 Quanto más claras, más nobles.  
 Arde pues, y a Pedro ofrece  
 Apurada en tus crisoles  
 En esse Templo de Amor  
 Toda la fé de los hombres.*



Na morte de ElRey Dom Pedro Segundo  
 noſſo Senhor.

Texto de Camoens. Cant.4. Oit. 50.

**N** Aõ consentio a morte tantos annos,  
 Que de Heroe tam ditoso se lograsse  
 Portugal ; mas os Côros soberanos  
 Do Ceo supremo quiz que povoasse.  
 Mas para defenſaõ dos Lusitanos,  
 Deixou quem o levou, quem governasse,  
 E augmentasse a terra mais que de antes,  
 Inclyta geraçaõ, altos Infantes.

## G L O S A

Pelo Licenciado Gonçalo Soares da Franca.

**D** *Epis que à Monarquia Lusitana  
As redeas applicou Pedro o Segundo;  
Abatida na guerra a furia Hispana,  
Na paz o Reyno foy assombro ao Mundo:  
Inveja porèm, cega, & tyranna,  
Deste de Portugal bem tam fecundo,  
Que lograsse tal bem, sem ver taes dannos,  
Naõ consentio a morte tantos annos.*

*Doze lustros, ainda naõ compridos,  
( Esfera curta a Sol tam luminoso )  
Tinha do Luso o Sol; quando vencidos  
Vio seus rayos de eclipse tenebroso.  
Decretos saõ do Ceo naõ comprehendidos,  
Que dando a Portugal Rey tam famoso,  
Naõ quiz mais, porque mais triste o chorasse,  
Que de Heroe tam ditoso se lograsse.*

*Ou foy de nossas culpas digna pena,  
Ou dos meritos seus foy premio digno;  
Que a mesma dor, que a magoa nos condena,  
A Pedro sobe ao solio cristallino.  
Oh como justamente o Ceo ordena  
A sua gloria, o nosso desatino!  
Naõ mereciaõ, naõ, dons mais que humanos  
Portugal, mas os Cõros soberanos.*

Foraõ



Foraõ deste Monarca relevante

Tantas as prendas, tal a virtude era ;

Que inda a menor virtude, Astro brilhante,

Da terra a esfera pouca transcendera.

Novo Alexandre pois, seu peito ovante,

Porque mais Mundo o Mundo lhe não dera ;

O Reyno, que era bem só suspirasse,

Do Ceo supremo quiz que povoasse.

Justo foy, que assim viva sublimado ;

Mas não que o Reyno assim fique abatido :

Porque ser entre os Anjos collocado ;

O não livra entre os homens de esquecido.

Não foste, ó grande Rey, Rey só creado

Para o Ceo ; para nós tambem nacido :

Não só para troncar vicios profanos,

Mas para defensão dos Lusitanos.

Consente a nossa queixa ; se consente

Attenção esse Trono, onde subiste :

Que quando a queixa he justa, a dor vehemente,

Rompe o foro ao respeito hum peito triste.

Mas ja vejo, que fallo cegamente ;

Pois bem que Portugal sem Pedro existe,

Portugal ( quando Pedro se apartasse )

Deixou quem o levou, quem governasse.

Não podia a suprema Providencia

A palavra faltar sempre observada,

Que nunca ao Cetro nosso descendencia

Na prole ha de faltar attenuada.

Não temo a successão, temo a potencia;  
 Que a tanto Heroe he pouco o Mundo, he nada:  
 Dò, se estendesse termos mais distantes,  
 E aumentasse a terra mais que de antes.  
 Se sómente ao primeiro, que hoje he Quinto,  
 (Herdeiro digo) vem o Orbe inteiro  
 Estreito Mappa, Epilogo succinto;  
 Que Mundo ha de bastar ao derradeiro?  
 Eterno a Portugal de agora sinto:  
 Faltão Reynos, não falta ao Reyno Herdeiro;  
 Pois hoje nos segurão relevantes  
 Inclyta geração, altos Infantes.



Falla a Bahia à sumptuosa Eça, que de lutos , & luzes  
fabricou a mesma Cidade nas Exequias de El Rey  
nosso Senhor Dom Pedro Segundo de  
saudosa memoria,

S O N E T O do mesmo.

**B** Abel, que en lenguas tantas de centellas  
Constante subes, sin baxar, al Cielo:  
Como, si eres Olympto sin recelo,  
Te eriges nube opaca a las Estrellas?  
No más: la senda advierte de tus huellas;  
Que si el curso no paras de tu buelo,  
De tus luzes arriesgas el anhelo,  
A tus tinieblas los horrores sellas.  
Del frio, y del calor a los enojos,  
Que buscan remontados tus retiros,  
Llamas sombras veras, sombras despojos.  
Pero prosigue; que en altivos gyros  
Siempre te han de prestar en tus arrojos  
Luto mi pecho, fuego mis suspiros.



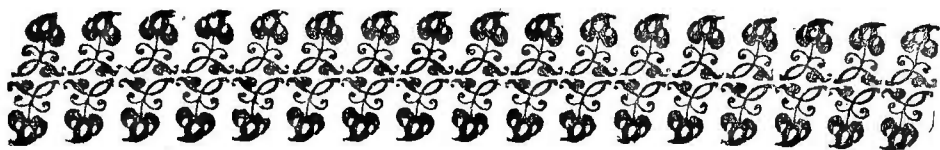


Epitafio en el Mausoleo del Serenissimo Rey Don  
Pedro Segundo nuestro Señor.

SONETO do mesmo.

**Y** *Azen, no ; viven, si, en esta Pyra  
Las cenizas de un Rey siempre glorioso:  
Que no importa entre aromas el reposo,  
Si entre incendios la Fenix aun respira.  
El Orbe Portuguez triste suspira:  
Pero en vano suspira congoxoso,  
Si lo que polvo allies horroroso,  
Brillante Estrella en el Zafir se admira.  
Mas, si eterno lo duda el que mirando  
Yerto el cadaver, fria la ceniza,  
Aun lo humano parece estd dudando;  
Que fuè Rey Portuguez, amor le avisa:  
Y amor al coraçon alas prestando,  
Entiende el polvo, el polvo lo eterniza.*



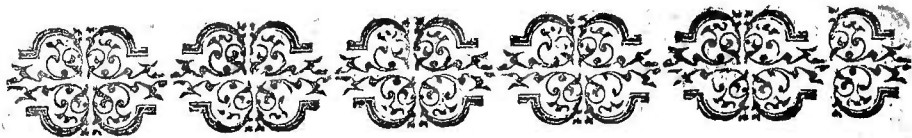


Descripção no Tumulo de ElRey nosso Senhor, ponderando o seu Mausoleo nas quatro partes do Mundo.

S O N E T O do mesmo.

**S** Epultado na Europa foy primeiro ;  
 Será n' Africa, E n' Asia sepultado:  
 Na quarta parte agora deplorado,  
 Urna entre mares tem Sol verdadeiro.  
 Por Pio, por Prudente, por Guerreiro  
 Se vê de Polo a Polo suspirado:  
 Que hum Rey, que foy no Mundo tam amado,  
 Razaõ era o chorasse o Mundo inteiro.  
 Não sò pois, porque em hum lugar sòmente  
 Ruína tal não coube, em toda a parte  
 lhe dà Tumulo o affecto reverente ;  
 Mas tambem justo foy : porque desta arte,  
 Para com a dor poder a Lusã gente,  
 A dor por todo o Mundo se reparte.



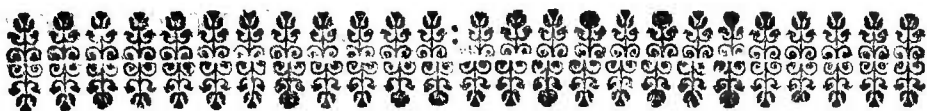


Epitafio no sepulcro de ElRey nosso Senhor, achado  
no Poema do immortal Luis de Camões pelo di-  
to Licenciado Gonçalo Soares da Franca.

S O N E T O.

Cant. Oit. Vers.

	<b>O</b> Uvi, vereis o nome engrandecido	1.	10.	5.
a) Na- [ceo El- Rey en- tre triu- fos.	Do justo, & duro Pedro : nace ( a ) obrãdo,			
		3.	138.	1.
	De Nações diferentes triunfando	2.	54.	4.
	Com vulto alegre, qual do Ceo subido.	2.	42.	3.
	Pois contra o Castelhana tam temido	1.	25.	5.
	Os fortes Portuguezes incitando;	1.	87.	4.
	Contra vontade sua, & não rogando,	6.	99.	8.
(b) Al- lude à faz de Castel- la, foli- citada pelos meimos Hespa- nhots.	Pazes (b) cõmetter mãda arrepẽdido.	1.	94.	1.
	Mas entre tantas palmas, salteado	3.	90.	1.
	Da temerosa morte ; fica herdeiro	3.	90.	2.
	Hum filho seu, de todos estimado;	3.	90.	3.
	Que nenhum dizer pôde que he primeiro	1.	87.	8.
	De hũ Rey, q̃ temos, alto, & sublimado,	2.	81.	8.
	Outro Joanne, invicto Cavalleiro.	1.	13.	7.



Pondera-se a unica razão de alivio no universal sentimento da morte de ElRey nosso Senhor Dom Pedro Segundo.

S O N E T O do mesmo.

**V**endo a morte, que Pedro não podia  
 Sem ella eterno ser, que mortal era;  
 Por mais vida lhe dar na ardente Esfera,  
 Mais cedo o reduzio a cinza fria.  
 Caduco Pedro foy, quando vivia;  
 Quando morto, immortal se considera:  
 Com que, se ser cadaver não sofrêra,  
 Eternamente não renaceria.  
 Vivo o respeito, viva a Magestade,  
 Bem que grangeão nome à Natureza,  
 Tributo rendem a mortalidade.  
 Logo de Pedro o fim, sò foy fineza;  
 Pois quanto a vida lhe usurpou de idade,  
 A fama lhe anticipa de grandeza.





Do mesmo.

A Bahia muda.

**A** *Unque la voz no me anime,  
Muda me explico mejor ;  
Que quando es grande un dolor,  
Solo un silencio lo exprime.  
Mi mudex al Orbe intime  
Mis congoxas màs atroces :  
Que, si entre queexas veloces  
Mal se perciben lamentos ;  
Mas se dizem lós tormentos,  
Quando se callan las voces.*

A Bahia sentida.

**B** *Ien que se muestran rendidos  
Mis sentidos, aun mas siento ;  
Que a dezir mi sentimiento,  
No bastan cinco sentidos.  
Quien los mira amortecidos,  
Solo me juzga sentida :  
Mas mi pena es màs crecida ;  
Pues me veo en triste calma,  
Para el alivio, sin alma ;  
Para el tormento, con vida.*



## A Bahia admirada.

**S**uspensa estoy, con razon,  
 Mirando un Cetro difunto;  
 Porque llegando a este punto,  
 Toda quedo admiracion.  
 Soy la misma suspension  
 Entre espantes diferentes,  
 Asombro dando a las gentes  
 Con efectos encontrados;  
 Pues suspensos los cuidados,  
 Tengo los ojos corrientes.

## A Bahia saudosa.

**A**quella passion notoria  
 Del alma soy, que entre enojos,  
 Borrado el bien a los ojos,  
 Se lo escribe en la memoria.  
 Lloro mi passada gloria:  
 Y glorias de un bien passado,  
 Son tormento duplicado;  
 Porque un objecto querido,  
 Siendo grande poseido,  
 Se haze mayor suspirado.





# EPIGRAMMAS

Na morte del Rey noſſo Senhor.

Do meſmo.

## EPIGRAMMA I.

Pinta-se a Fè, a Piedade, o Zelo, ſuſtentando hũa eſcada, por cujos degraos irá ſubindo hũa Coroa.

*Ascendit Petrus in Superiora. A&tor. 10. 9.*

**P**Or fé, por piedad, por zelo,  
Sin ſegundo en el Segundo,  
Dexando por corto el Mundo,  
Subiò Pedro al alto Cielo.

## EPIGRAMMA II.

Pinta-se a Morte, & o Eſquecimento, querendo deter hũa Coroa com duas azas, que voará livremente ao Ceo, o qual eſtará tambem pintado da parte ſuperior.

*Videntes autem Petri constantiam.* Actor. 4. 13.

37

**V**iendo la muerte, y el olvido,  
De Pedro en la fiel constancia,  
Que tenerle no han podido;  
Que buele libre han sentido  
A aqueſſa immortal eſtancia.

EPIGRAMMA III.

Pinta-se hũa maõ fazendo ſubir hũa cabeça coroadã :  
& outra cabeça com coroa debayxo de hũ docel.

*Aſſumit Petrum ... , & Joannem ſecum.* Marc. 14. 33.

**A** Juan, y a Pedro llamó  
Jeſus en la fatal hora:  
Mas oy diferente obrò ;  
Pues a Iuan nos dexa aora,  
Quando a Pedro le llevò.

EPIGRAMMA IV.

Pinta-se hũa Cuſtodia conduzida por dous Anjos:  
& El Rey, que ſobe a recebella.

*Cùm veniſſet Jeſus in domum Petri.* Matth. 8. 14.

**P**orque a ſu Dios ſatisfaga  
En ſu caſa viſitarle ;  
No es mucho que para hallarle,  
Cami no dzia el Cielo haga.

## EPIGRAMMA V.

Pinta-se hũ Gentio Americano, hũ Ethiope, hũ Chim,  
 hũ Malabar, porfiando sobre qual primeiro abrirá  
 hũa porta, para por ella ir entrando hũa alma  
 coroada, com hum livro na maõ.

*Recordatus est Petrus verbi Domini. Luc. 22. 61.*

**P**orque jamas te olvidaste,  
 O' Pedro, de mi palabra;  
 Los que adelante embiaste,  
 Lidiando estan, porque se abra  
 La puerta, que les franqueaste.

## EPIGRAMMA VI.

Pinta-se hum Cetro sobre hum globo pizado de  
 dous pès.

*Dixit Petrus: Ecce nos reliquimus omnia: quid ergo  
 erit nobis? Matth. 19. 27.*

*Vitam æternam possidebit. Ibid. 29.*  
**S** Induda, ó Monarca Real,  
 Que eterno premio aparejas;  
 Pues todo por Dios lo dexas,  
 Quando dexas Portugal.

Pinta-se a Cathedral da Bahia vacillante.

*Tu es Petrus, & super hanc petram edificabo  
Ecclesiam meam. Matth. 16. 18.*

**Q**uando le debo mi aumento,  
En su falta mi desmedra  
Con mucha razon lamento;  
Porque mi firme cimiento,  
Era de Pedro la piedra.

## EPIGRAMMA VIII.

Pinta-se hum braço tendo igualmente hũa espada  
nua, & huma tocha acesa.

*Petrus habens gladium, eduxit eum. Joan. 18. 10.*

**S**In primero, aunque Segundo,  
Me pregonan luz, y espada:  
Ki toda España prostrada,  
Y medio Christiano el Mundo.  
Valor, y zelo en mi unidos  
Abrieron con manos pocas,  
Para la fama mil bocas,  
Para la fé mil oídos.

## EPIGRAMMA IX.

Pinta-se huma balança com igualdade, tendo de  
hũa parte hum homem morto, & da outra  
hum defunto refuscitando.

*Dixit Petrus, &c. Cecidit, & expiravit.*

*Actor. 5.3.& 5.*

*Continuo surrexit. Actor. 9.34.*

**T**anto en tu pecho fiel  
Tuvo Astrea el fiel entero;  
Que abandonando el cruel,  
Fuiste Pedro el Justiciero.  
La balança assi regias  
Rey justo, Padre amoroso:  
Severo con Ananias,  
Y con Eneas piadoso.

## EPIGRAMMA X.

Pinta-se a figura da Bahia chorosa, olhando para  
hũa Alma, q̄ estará da parte interior do Ceo.

*Egressus foras Petrus flevit amare. Luc. 22.62.*

**P**ues que llegaste a tu centro,  
Que gozas en essa Esfera;  
Trocar-se el llanto debiera:  
Alegre vive alla dentro;  
Y nós lloremos de fuera.

EPIGRAMMA XI.

41.

Pinta-se huma Urna com cinzas na mão de hũa Dama, sahindolhe do peito hum incendio, & dous rios dos olhos.

*Ait Petrus: Faciamus tria tabernacula. Luc. 9. 33.*

**A** Unque un Tumulo se admira,  
 En tres guardo estos despojos;  
 Pues los verá quien me mira,  
 Fenix del pecho en la pyra,  
 Sol en el mar de los ojos.

EPIGRAMMA XII.

Pinta-se o Povo da Bahia triste , & pensativo, chorando sobre huma Caveira.

*Cōtristatus est Petrus, quia dixit ei tertio: Amas me?*

Joan. 21. 17.

**E** N dudas de amor hallamos  
 La tristeza, ò Pedro, vuestra:  
 Mas, quando muerto os lloramos,  
 Toda la tristeza nuestra  
 Es, porque sin duda amamos.

EPIGRAMMA XIII.

Pintaõ-se duas Coroas subindo, hũa ao Ceo,  
 outra a hum Trono.

*Petrus*

*Petrus autem, & Joannes ascendebant. Actor. 3. 1.*

**S**ubieron de aquesta vez,  
De su virtud en abono,  
Si Pedro al etherio Trono,  
Juan al Trono Portuguez.

*Inscripçoës para as quatro figuras superiores da Eça.*

Europa sobre hum Touro , cercandoa o Tejo.

EUROPA.

**H**A de los golfos , los mares !  
Venid conmigo a llorar ;  
Que para empeño tan grande,  
De un Rio es poco el caudal.  
Que importa, que , turbio Tajo,  
Inundes por llorar más ;  
Si ni tus arenas de oro  
Igualan a mi pesar ?  
Ha de los brutos, las fieras !  
A mi clamor ayudad ;  
Que no es bien que un solo sienta ,  
Quando es de todos el mal.  
Mas ay ! que poco me vales,  
Amante Toro ; pues ya  
En las ondas de su llanto  
Se ve Europa naufragar.

*Africa*



Africa sobre hum Leaõ, cercando-a o Zaire.

43

A F R I C A .

**H** *A de las aguas del Cielo!*  
*Baxad al Mundo, baxad ;*  
*Que, si sois remedio a llamas,*  
*Ardiendo me haveis de hallar.*  
*Tanto, que si claro Zaire*  
*Negros gustas de mirar ;*  
*Bolviendo el curso a mi pecho,*  
*Carbones retrataràs.*  
*Ha de las selvas del Nilo!*  
*Crocodilos preparad ,*  
*Que cbligados de mi pena,*  
*Su canto llanto serâ.*  
*T tu coronado Bruto,*  
*Pues me llegas a escuchar,*  
*Mejor que a tu fiebre ardiente,*  
*A mi dolor temblaràs.*

Asia sobre hum Elefante, cercando-a o Indo.

A S I A .

**H** *A de todos los Diluvios !*  
*Agua a mis ojos prestad ;*  
*Que quando se ahoga el Mundo,*  
*Señas no ha de haver de paz,*

*T tu,*

Y tu, Indo, que me riegas,  
 La cuna muda de oy màs ;  
 Que no es bien que alegre nazca,  
 Quien mi llanto ha de ayudar.  
 Ha de los asperos montes !  
 Horribles monstros brotad ;  
 Que de mi dolor movidos,  
 Humanos se bolveran.  
 No lamente un Elefante ;  
 Que poco estremo sera,  
 Quando debe un insensible,  
 Sentir un màs que animal.

America sobre hum Tigre, cercando-a o  
 Gram Parà.

A M E R I C A.

**H**A del Oceano todo !  
 Prestame todo el cristal ;  
 Que para un mar de aflicciones,  
 He menester todo un mar.  
 Si no es, que como me ayudas  
 A llorar, ò Gran Parà ;  
 Qualquiera gran mar escusa,  
 Quien llora con Rio tal.  
 Ha de las horridas breñas !  
 No Tigres, escollos dad ;  
 Que màs que ablandar fierezas,  
 Quiero peñas ablandar.

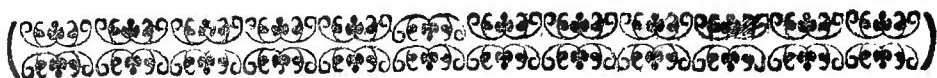
No por inculta, penseis,  
 Que anhele asperezas : mar  
 Advertid, que piedras pido,  
 Para mi dolor gravar.

Do Capitão João Alvarez Soares.

Bahia muda.

S O N E T O.

**E** Sta del sentimiento copia nuda,  
 Animado cada ver, muerto aliento,  
 Emblema del más horrido tormento,  
 De la más dura pena estatua ruda :  
 En mi constituyò tyrana, y cruda  
 La suerte con jamás visto portento ;  
 Pues haziendome viva al sentimiento,  
 Solo para la quexa me hizo muda.  
 Corto fuera el dolor, si embravecida  
 Mi vida de una vez la injusta suerte  
 A cenizas dexàra reduzida.  
 Y ansi, porque el dolor sea más fuerte ;  
 Conservando el aliento de la vida,  
 Los estragos padezco de la muerte.



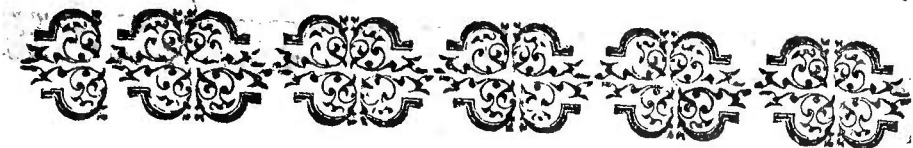
Do mesmo.

Bahia admirada.

S O N E T O.

**D** *El mas horrible affombro suspendida,  
 Del estrago mas funebre admirada,  
 Ni sè como quexarme çoçobrada,  
 Ni sè como sentirme enternecida.  
 Publicàra el estrago de mi vida,  
 De mi voz la querella destemplada:  
 Pero, como podrá voz limitada  
 Explicar una pena desmedida?  
 Declarar la passion, es conocerla:  
 Quien la conoce, es fuerça limitarla:  
 Llegar a limitarla, es abaterla.  
 Siendo pues menoscabo exagerarla,  
 Otros la expliquen con encarecerla;  
 Que yo la explico mejor con admirarla.*





Do mesmo.

Bahia sentida.

S O N E T O.

**A** Ter vivo compendio de alegria;  
 Oy ya muerto retrato de tristeza!  
 Quien con tan nunca vista ligereza  
 En horrores trocò mi loçania?  
 La muerte fuè, que en cruda tyrania  
 Añadiendo a su estrago nueva empresa,  
 El dueño me quitò, en cuya entereza  
 No cautiverio, libertad tenia.  
 Porque, si es dueño, y es alma juntamente  
 El Rey, que el cuerpo anîma de su Imperio;  
 Padece a queste, quando aquella siente.  
 Tansi, en este de sombras Emisferio,  
 Cuerpo soy, que en dolor el màs vehemente  
 Sintiendo estoy del alma el vituperio.





Do mesmo.

Bahia chorosa.

S O N E T O.

**E**sta de llanto liquida corriente,  
 Que en mi formò el mar de mi amargura,  
 Si es de mi amor la prueba mas segura,  
 De mi ultrage pregon es permanente,  
 Rios mis ojos successivamente,  
 Entre el ronco suspiro, y pena dura;  
 Pregonando mi triste desventura,  
 Manifestan mi funebre accidente.  
 Para la mustia flor, la Aurora alcança  
 Con el rocio aliento en sus despojos:  
 Pero en mi mal no puede haver mudança;  
 Pues advierto, a pesar de mis enojos,  
 Siempre mustia la flor de mi esperança,  
 Aunque vierta el rocio de mis ojos.



Do Reverendo Padre Joaõ de Faria & Soufa.

*Bahia quadrifrons , in quatuor Mausolei frontibus  
depicta, semper una, eademque pathetica,*

EPIGRAMMATA.

*Primâ fronte.*

Bahia tristis.

*Tristis adest Bahia nimis : jam gaudia ponit.  
Lata ubi Mors gestit, tristia cuncta jacent.*

*Secundâ fronte.*

Bahia præ dolore deficiens.

*Sentit amans Bahia suum sub funere Regem :  
Plus doleat, sensus perdit & ipsa suos.*

*Tertiâ fronte.*

Bahia illacrymans.

*Ceu Moyses petram, Petrum Mors percutit atrox:  
Hinc merito Bahiæ largior unda fuit.*

D

Quiræ

*Quartâ fronte.*

Bahia muta.

*Oh quantum gemebunda dolet Bahia undique! Quantum  
Quisque scire cupis, percipe: muta docet.*

De Morte super Mausoleo imposita.

EPIGRAMMA.

*Tecta super Mors atra volat regalia Petri:  
Hoc solumin casu celsior illa patet.*

De eâdem pro Mausolei coronide.

EPIGRAMMA.

*Mausolea super summo stat vertice Mors: heu!  
Finis hic in terris omne coronat opus.*







*Do Capitão Thomè de Faria Monteiro.*

Ao Tumulo , que na Cidade da Bahia se fez na morte de ElRey D.Pedro Segundo Senhor nosso.

S O N E T O .

**E** *Ssa pompa, que affeeto Americano  
A Deidade mortal consagra fino,  
Ou despojo da vida nunca digno,  
Ou da morte trofeo sempre tyranno:  
Sepulcro he pouco a hum Corço soberano,  
Breve Altar a hum Espirito divino ;  
Bem que em primor o obsequio ultramarino  
Aqui não cede ao culto Lusitano.  
Porém, posto que a America constante  
Se faça, por finezas bem nacidas,  
A' Cabeça do Imperio semelhante:  
Inda não rende as oblaçoens devidas,  
Quando despende em aêlo tam amante  
No Tumulo o poder, no pranto as vidas.*

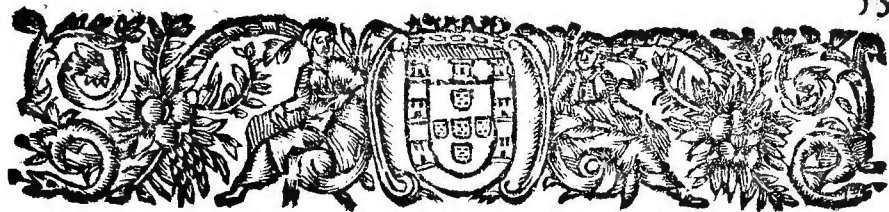


Do mesmo.

S O N E T O.

**N**O Sepulcro a Coroa ! Oh quem dissera,  
 Que havia de ser hoje Trono a Pyra,  
 E a mortalha docel ! Será mentira ?  
 Não: que o humano ser, todo he quimera.  
 Bem pôde não ser hoje, o que hontem era :  
 Mas do objecto Real, que se suspira,  
 A grandeza no Tumulo se admira,  
 Caduca a Magestade se venera.  
 Não chega o que he respeito a ser loucura,  
 Quando a sombra do Idolo se adora ;  
 Que a vida acaba, E a memoria dura.  
 Se a grandeza da causa não se ignora ;  
 Não erra a dor no culto, que procura ;  
 E acerta Amor nas lagrimas, que chora.





# S E R M A Õ

NAS EXEQUIAS DE ELREY

## DOM PEDRO II.

SENHOR NOSSO,

*Celebradas na Cathedral Metropolitana da Cidade da  
Bahia aos 20. de Outubro do anno 1707.*


Que prègou o M. R. P. M.

### DOMINGOS RAMOS

Religioso da Companhia de JESU.

---

*Cecidit corona capitis nostri. Ex Thren. Jerem. cap. 5.  
§. I.*

**I**  AHIO a coroa da nossa cabeça. Cahio ; porque nem as coroas estaõ izentas de cahir do mais alto do trono ao mais baixo do tumulo. Cahida terrivel, que como universal tributo , devem pagar com encargo inevitavel todos os mortaes.

D iij

Que

2 Que coroa he esta, que cahio? Respondem os lutos, as sombras, & as tristezas deste apparatuso funeral, que esta coroa cahida he o muito alto, & muito poderoso Rey, & Senhor nosso Dõ Pedro Segundo: nome obedecido em tanto numero de Reynos, & Provincias nas quatro partes do mundo. E que este mesmo nome tam alto, & soberano, esteja agora tam cahido, & descahido no epitafio de huma sepultura! Oh grandezas deste lamétavel mûdo expostas ao rigor de tam dura fatalidade!

3 Responde tambem o thema, que esta coroa cahida foy coroa do nosso Reyno: *Corona capit-  
tis nostri, hoc est, regni nostri*: expoem A Lapide. Thren. 5.6. A Lap. ibi. Rey, que foy a coroa do nosso Reyno! Grande Rey perdeste, ó Portugal! Perdeste hum Rey, que foy a tua coroa. Qual he a coroa de hum Reyno? Isai. 62. 3. *Corona gloriæ, diadema regni*: A coroa de hum Reyno he a coroa de suas glorias, & felicidades. Grande Rey, torno a dizer, (oh que justo motivo para hum penetrante sentimento!) grande Rey perdeste, ó Portugal! Perdeste hum Rey, que foy coroa de teu Reyno, coroa de tuas glorias, & felicidades: *Corona capit-  
tis nostri: Corona gloriæ, diadema regni*. Provar esta verdade, ha de ser todo o meu empenho na primeira parte do Sermaõ.

4 Torney a dar outra volta na consideração do

do thêma, & me pareceo litteral, & genuina a intelligencia, que as suas vozes por si mesmo inculcãõ. Cahio a coroa da nossa cabeça. Quem duvida, que hum Rey he a cabeça do seu Reyno? Desta cabeça dimana o superior influxo a todo o mais corpo mystico, que se compoem de tanto numero de membros, como de Estados; de tanta variedade de operações, como de pessoas. Logo saõ termos equivalentes, cahio a coroa da nossa cabeça, cahio a coroa do nosso Rey.

5 Sendo tam natural este sentido; parece violento, se o houermos de applicar a hum Rey, que nunca quiz coroarse. Se o nosso Rey nunca se quiz coroar; que coroa foy a sua? Seria por ventura a coroa de relevantes prendas, que nelle avultavãõ? Poderia ser, que fosse; porque a Natureza o enriqueceo com tam esclarecidos doctes, que nacendo em terceiro lugar entre os filhos, parecia destinado para Primogenito: alta, & magestosa estatura; membros bem proporcionados; compreição robusta; forças excessivas; juizo comprehensivo; memoria rara; discurso prompto; lingua expedita; voz clara; locução discreta; inclinado à eloquencia; amante da elegancia; coração intrepido; insigne na arte da Cavallaria; muy destro no jogo, & exercicio das armas; muy pratico nos estylos da politica; muy versado nas leys da disciplina militar. Todo este

compendio de prerogativas, que nelle realçavaõ com ventajosa singularidade, bastava para lhe formar huma lustrosissima coroa; mas naõ era esta a coroa, q̃ elle mais amava: outra era a sua coroa de mais elevado preço.

Pf. 104

6 Qual feria? Sirvaõ de reposta hũa palavra do Psalmo. *Posuisti in capite ejus coronam de lapide pretioso.* Diz, que puzera Deos na cabeça de hum Rey huma coroa. O mesmo Deos foy o que poz a coroa na cabeça deste Rey? Sim; porque ha Reys, que saõ Reys por especial disposição divina: vem depois a mostrar o tempo, que foraõ designios da providencia, o que podiaõ parecer contingencias da fortuna. O tempo depois veyo a mostrar, quanto deve Portugal a Deos pelo grande Rey, que lhe deo. Lavrou Deos esta coroa em huma pedra: *Coronam de lapide.* Pedra, & Pedro, soberano equivoco, com tam boa correlaçãõ, que o mesmo Christo usou delle: *Tu es Petrus, & super hanc petram.* Era pedra preciosa: *De lapide pretioso: hoc est, virtutibus ornato:* expoem Nicolao de Lyra. Nesta pedra, ou neste Pedro formou Deos huma coroa de virtudes. Esta era a sua coroa, que elle mais estimava: conhecia, que o seu preço excedia o valor de qualquer outra coroa; naõ quiz outra, esta foy a sua preciosa: *Corona capitis nostri: coronam de lapide pretioso: virtutibus ornato.* Com esta mesma

Matth.  
#6.18.

m esma (já que em vida não quiz outra ) o ha de mostrar hoje o meu discurso , ainda depois de morto, coroado. Esta ha de ser a segunda parte do Sermaõ : o qual todo reduzido a hum só principio, intenta provar , que o nosso Rey coroou ao seu Reyno de glorias, & felicidades ; & a fi de virtudes. A Virgem Santissima me ajude , para que possa satisfazer a tam grande empenho.

*Ave Maria.*

§. II.

*Corona capitis nostri: Corona gloria, diadema regni.*

7 **F**Oy o nosso soberano Rey coroa do seu Reyno; porque o coroou de glorias, & felicidades : ou nas pazes, que ajustou, & concluiu : ou na paz, com que governou: ou nas guerras, que empredeu: ou no grande Successor, que nos deixou. Vamos ponderando todas estas glorias , & enxugando entretanto as nossas lagrimas.

8 Primeiramente coroou de glorias , & felicidades ao seu Reyno nas pazes, que ajustou , & concluiu com Hespanha , depois de vinte & sete annos de sanguinolêta guerra. A mayor felicidade de de hũ Reyno não cõsiste nas victorias q se alcãção, se as guerras cõtinuão: a razão he; por q as victorias quãdo não são ultimas, & decisivas, não  
li-

livrão dos perigos. Se a câpanha deste anno foy feliz; Deos sabe, a câpanha do outro anno qual será. He a guerra hum Jano de duas caras obediente aos arbitrios da fortuna, que como tem por timbre o ser varia, quando menos se imagina, enfastia-se de prospera. Quantos dominios engolio a guerra, depois de grandes victorias? Diga-o Carthago convertida em cinzas: os mesmos triunfos, que conseguio, fizeram mais lastimoso depois o seu incendio. Não ha que fiar em victorias, se continuão as guerras. A verdadeira felicidade consiste no ajuste das pazes; porque só em esta felicidade se assegura, & estabelece hũ Reyno.

9 De Salamaõ, quando entrou a governar, diz a Escritura, que estabelecera, & confirmara o seu Reyno: *Confirmatum est regnum in manu Salomonis*. Pois aquelle Reyno não ficou estabelecido, & confirmado por David seu antecessor? David tam affinalado em vencer batalhas, que por isso mereceo as acclamaçoens de victorioso: *David autem decem milia*: como pode ser que não deixasse aquelle Reyno estabelecido, & confirmado? Reparem na differença entre hum & outro Rey. Tanto que Salamaõ entrou a governar, logo no principio do seu governo (*Primo initio sui regni*: como diz o seu commentador Pineda) ajustou, & concluiu as pazes com todos

3.Reg.  
3.1.

1.Reg.  
15.7.

Pineda  
d e reb.  
Salom.  
1.7.c.20  
n.1.



os inimigos confinantes. Elle o disse: *Nunc requiem dedit Dominus Deus mihi per circuitum: Et non est satan, neque occursum malus.* Por isso mereceo a singular antonomasia de Rey pacifico: *Vinea fuit pacifico.* Esta he pois a razão, porque Salamaõ o pacifico, & não David o victorioso, foy o que confirmou, & estabeleceo aquelle Reyno: porque não se confirma, & estabelece hum Reyno com a felicidade das victorias, senão com a felicidade das pazes: *Confirmatum est regnum in manu Salomonis.*

IO Foy o nosso grande Rey o Rey pacifico dos nossos tēpos. Quando tomou posse do governo, contava-se o numero das victorias pelo numero das batalhas: succedeo a hum Rey, a quem com muita razão podemos intitular o victorioso: mas que importa, se ainda o Reyno estava exposto aos perigos, & contingencias da guerra? A felicidade das victorias alegrava, mas não assegurava o Reyno: para o assegurar, que fez o nosso Rey? O mesmo, que Salamaõ fez: *Primo initio sui regni:* Logo no principio do seu governo o estabeleceo com a felicidade das pazes: com a sua firmeza o confirmou: *Confirmatum est regnum.*

II Exaltou esta felicidade hũa circumstancia notavelmente decorosa para Portugal. E qual foy? Ser Hespanha a que pedio, & procurou as pazes. Mas que muito, depois de cansada com

hũa

hũa tam infeliz, & prolongada guerra? Muito mais foy ser Hespanha a que pedio, & procurou as pazes, antes da guerra publicada, mandando para isso seu Embaixador. O caso aconteceu, quando a Fortaleza de S. Gabriel nos confins do Brasil foy inopinadamente invadida, & occupada pelos Hespanhoes visinhos. Vio-se então na realidade em Portugal, o que Christo Senhor nosso suppoz no Evangelho como parabola.

12 Diz, que hum Rey mandara seu Embaixador a outro Rey, pedindo pazes, estando ainda bem longe o Rey, de quem se temia: *Adhuc illo longè agente, legationem mittens, rogat ea, quæ pacis sunt.* Isto foy o que aconteceu em Portugal, com differença nos longes. No caso do Evangelho, o longe era de terras, & não de guerras; porque as guerras já estavaõ publicadas: *Qui cum viginti millibus venit ad se.* No caso de Portugal, o longe não era de terras, era de guerras: não era longe de terras; porque hũa linha Mathematica divide a Portugal de Hespanha: era longe de guerras; porque dos aprestos, & prevenções militares, havia muito que andar, para que chegasse a haver guerras. E que havendo ainda este longe: *Adhuc illo longè agente*: mandasse Hespanha hũ Embaixador a Portugal pedindo pazes: *Legationem mittens, rogat ea, quæ pacis sunt!* Oh tempo felicissimo! Que dirão os vindouros, quando les-  
rem

Luc. 14.

31.

Ibid. 31

rem este caso na Chronica deste insigne Rey? Dirão, que no seu tempo chegou Portugal a tam alto grao de reputação nas suas fronteiras, que bastava para atroar os ouvidos hũ boato de suas armas; huma ameaça de guerras, para lhe pedir paz. Isto he o que dirão os vindouros: & nós que diremos? Não devemos dizer menos, como agradecidos: digamos em breves periodos, o que elles dirão em muitos: digamos, que este Rey foy a coroa do nosso Reyno, coroa das nossas glorias, & felicidades: *Corona capitis nostri: Corona gloriae, diadema regni.*

## §. III.

13 **A** Assim conservou este pacifico Rey o seu Reyno em paz por espaço de trinta & cinco annos. Paz em hum Reyno por tam dilatado tempo! Felicidade rara. No Levitico prometteo Deos ao povo, que se fosse observantes da ley, lhes daria paz nas suas fronteiras: *Dabo pacem in finibus vestris.* He certo, Leviti  
26.6. que David, Josias, & Ezechias observarão fielmente a ley: & com tudo não chegarão a lograr paz nas suas fronteiras por espaço de trinta & cinco annos continuados: tam alta paz em hum Reyno, he paz muy rara: ainda quando Deos promette a paz, de maravilha acontece durar  
por

por tam largo tempo. De hum Rey chamado Afa refere a Escritura , que governára o seu Reyno em paz por espaço de trinta & cinco annos continuados : *Bellum non fuit usque ad trigesimū quintum annum regni Afa.* A expressãõ , & determinação do tempo, de que usa o sagrado Texto , denota ser o caso memorando, & que merece ser celebrado nos annaes da posteridade.

2. Paral.  
15. 19.

14 E que me dizem à duração desta paz com tanto sossego, & quietação ? Cuidão que he pouco, lograr o Reyno huma paz tam diuturna, sem q̃ em todo esse tempo acontecesse desgraça algũa tam consideravel, que bastasse para a perturbar ? Não ley que tem a paz , que se logra neste mundo ; que nunca falta alguma desgraça grande, que a persiga. Nunca houve paz mais abonada , & promulgada com mayor solēnidade , do que foy a paz, que os Anjos publicãrão em Belem: *Et in terra pax hominibus.* Escassamente passãrão dous annos , quando na mesma Belem aconteceu hũa desgraça tam grande, que mete horror o imaginalla, quanto mais o referilla. Entra de repente pelas portas da Cidade hum furioso tropel de Soldados deshumanos, & vão passando a cutello, sem respeito à compaixão , a mais de quatorze mil innocentes : a Cidade toda em prantos, em clamores, & gritos ao Ceo : correndo pelas ruas, pelas praças, & pelas casas o sangue dos filhos

1. uc. 2.  
14.

Ihos entre as lagrimas das mãys. Grande desgraça! Aonde está aquella paz, que os Anjos ha dous annos publicarão nesta mesma Cidade? Aonde está? Neste mundo, aonde não ha paz tam diuturna sem desgraça alguma grande, que a persiga. Por mais Anjos, que sejam os que a publicão: por mais innocêtes, que estejão os que a logrão: ha de sobrevir algum successo notavelmente funesto, que a descomponha: se não for no primeiro, ha de ser no segundo anno.

15 E que huma Cidade não pudesse passar dous annos no sossego, & quietação da sua paz: & que huma Monarquia inteira, que se compõe de tanto numero de Reynos divididos por todo o mundo, pudesse passar tantos annos, como se tivesse passaporte da desgraça, para não ser a sua paz combatida de algum penetrante golpe! Venturosa paz, & mil vezes venturoso o Rey, que a sobcreveo, & sustentou!

16 O que mais admira, he, que durasse o sossego, & quietação desta paz, ainda naquelles annos, em que ardião em guerra todos os mais Reynos, & naçoens de Europa. Tudo erão conflictos, tudo estragos, tudo estrondos militares, por mar, & por terra: & Portugal em paz, quieto, & sossegado: o seu comércio livre, & desimpedido: as suas frotas indo, & voltando sã opposição: os seus portos francos, entrando, & sahindo

do no mesmo tempo navios daquellas mesmas naçoens , que erão entre si contrarias. Póde haver mayor felicidade ?

17 Diz S. João, que neste mundo ha de haver hum Reyno , no qual ha de durar a paz com sossego , & quietação por espaço de mil annos : *Regnabunt cum illo mille annis.* Grande felicidade ! Mas isto se entende , estando entretanto o Diabo prezo: *Apprehendit draconem, qui est Diabolus, & ligavit eum per annos mille.* Agora digo assim: Se he tam grande felicidade, haver paz em hum Reyno com sossego , & quietação , no mesmo tempo, em que o Diabo motor das guerras, & das desgraças está prezo : que felicidade será durar em hum Reyno com sossego , & quietação , no mesmo tempo , em que fervião as guerras acesas , as desgraças continuas , & o Diabo solto ? Se naquelles mil annos , que ha de durar a paz naquelle Reyno , andasse o Diabo solto por hum anno : que seria? Eu não sey o que seria: o que sey , he, que muitos annos em Portugal ainda assim durou a paz. Grande Rey, q̃ assim soube conservar o seu Reyno em tam admiravel paz, com tanto sossego , & quietação , tantos annos , & em tam arriscados tempos ! Huma, & muitas vezes devemos eternizar a sua memoria com repetidos elogios , dizendo, que este Rey foy a coroa do nosso Reyno,

A poc.  
20.6.

Ibid.2.

no, coroa de nossas glorias, & felicidades: *Corona capitis nostri: Corona gloriae, diadema regni.*

§. IV

18. **M** As todavia não foy o nosso Rey tam pacifico, que não chegasse também a rompimentos de guerra, quando assim o requerião a circumstancia do tempo, & a justificação da causa. Verificouse nelle aquella admiravel concordia entre a paz, & a justiça: *Justitia, & pax osculatae sunt.* Pfal. 84. 11. Amava muito a paz: mas não se esquecia das armas da justiça, que são balança, & espada: balança, para justificar a causa; espada, para emprender a guerra: justificou a guerra, & desembainhou a espada. O ponto está, se foy tam feliz o seu governo no tempo da guerra, como no tempo da paz: quem o duvida?

19. Que mayor felicidade, do que acertar o nosso Rey no partido, que seguiu? Como me não posso explicar muito, quero valerme de hũ successo antigo. Huma das guerras mais crueis, & porfiadas, que houve nos tempos antigos, foy entre dous acerrimos competidores, Nabucodonosor Rey dos Babylonios, & Faraó Neco Rey dos Egypcios. Deliberouse Josias a seguir o partido de Nabucodonosor: podia ser a causa,

E

im-

4. Reg.  
21. 29.  
2. Paral.  
35. 22.

impedir, que não passasse (como de necessidade havia de passar) pelas suas terras o exercito de Neco; porque as havia de deixar assoladas, & destruidas. Que causa mais justificada? Com ser isto assim, não acertou Josias; porque logo na primeira batalha ficou morto, roto, & desbaratado todo o seu exercito. Succedeo depois no governo Joachim, & variou de sistema, pondo-se da parte de Faraó Neco: podia ser a causa, querer assegurar-se, vendo, que inclinava para aquella parte todo o pezo da fortuna. Que causa mais precisa? Com tudo, não acertou Joachim; porque veyo contra elle Nabucodonosor, & o derrotou, & destruiu de sorte, que nunca mais levantou cabeça o Reyno de Israel. Valhame Deos! Nenhum dos dous acertou, nem Josias, nem Joachim? Nenhum dos dous: porque em semelhãtes casos, ainda que a causa seja muy justificada, não he facil o acertar. Não duvido, que a resolução de hum, & outro Rey fosse bem discutida, & ponderada nos conselhos de Ministros escolhidos, & experimentados: serião sem numero as conferencias, as consultas, & os arbitrios; nada foy bastante, para que o ultimo assento, que se tomou, fosse acertado. E a razão he: porque o entendimento humano, por mais profundo que seja, não adivinha os futuros, nem póde prevenir a viravolta dos casos, que estão ainda occultos,



& encubertos na contingencia dos tempos.

20.º Felicissimo Rey, que assim soube acertar no partido, que seguio, como se adivinhasse! Mas donde se infere a felicidade deste acerto, se as guerras continuão? Discorra cada hum comfigo, combine as causas, & os effeitos; & logo verá o muito, & o quanto se pôde inferir. O que eu posso fazer, he, sahir com duas figuras, que representem o que passou, vivendo ainda o nosso Rey.

21.º Sahirão a desafio David, & o Filisteo: Da-<sup>1. Reg.</sup> vid, pequeno de corpo, mas fortissimo de braço; <sup>17.</sup> eis-aqui Portugal: o Filisteo, de vastos, & agigãtados membros; eis-aqui Hespanha. Obrou maravilhas no conflicto David com a funda, & com a espada: com armas ao perto, com armas ao longe. Obrou proezas Portugal com armas ao perto, nas suas fronteiras; com armas ao longe, no mais interior de Hespanha: ao perto, rēdendo, & sujeitando Praças; ao longe, fazendo-se temido, & respeitado em tam remotos Paizes; obedecidas as suas ordens, defendidos os que se renderão, castigados os que resistirão, ou se rebellarão. David sem errar a pontaria, pregou a pedra na testa do Gigante: na testa de Hespanha, na mesma Corte de Madrid imprimio a pedra de Portugal o seu impulso, acclamando, & fazendo acclamar por legitimo Rey a Carlos Terceiro:

ceiro : & o que he mais, ( quem tal cuidàra ? ) hum Rey de Portugal na mesma Corte de Madrid foy publicamente proclamado Protector de Hespanha. Quem não palma das voltas , que dà o mundo na roda dos tempos ? Se os Portuguezes em outro tempo , que eu sey, ouvissem contar todos estes successos, como profecias; havião de dizer, que erão sonho , ou fantasia. Porém os Portuguezes deste tempo , que os ouvirão, & celebrarão , bem podem dizer o que dizia David fallando litteralmente da pedra , que pregou na testa do Gigante : *In petra exaltavit me :* Por meyo de huma pedra , ou por meyo de hum Pedro logramos as mayores exaltaçoens. Esta pedra, ou este Pedro foy a coroa do nosso Reyno , coroa de nossas glorias, & felicidades: *Corona capitis nostri : Corona gloria, diadema regni.*

## §. V,

22 **E**Ntre todas estas felicidades não avulta menos a successão, que o nosso Rey amantissimo sempre do seu Reyno lhe deixou, como herança depois de sua morte. Successão em hum Reyno, grande felicidade ! Sò aquelle Reyno, que padece a sua falta, conhece bem a sua importancia . Quem quizer medir a sua grandeza, pondere a causa das turbulencias, & tempestades, que

que se levantãrão, & ainda continuão, cada vez mais implacaveis, por quasi toda Europa. No theatro da Natureza se representa todas as noites hũa scena de confusões, por não haver depois de hum Sol posto successão immediata de outro Sol nacido.

23 Poem-se o Sol, segue-se a noite: a Lua, tal vez minguate, quer q lhe cõpita o presidir: os Planetas vagos varião a cada passo seus errantes movimentos, huns para o Tropico do Norte, outros para o Tropico do Sul: huns firmes, & estacionarios; outros inconstãtes, & retrogrados. As Estrellas mais pequenas, divididas como parciaes em varias constellaçoens, não soslegão, já subindo, já decendo: todas com tanta variedade de formas, & figuras, quantas na Esfera souberão fingir as fabulas. Os Ceos entretanto em huma roda viva dando voltas; o Ar entre nuvens; a Terra entre sombras: tudo revolto, influindo tudo tristezas, & melancolias. Os que então quere viver, deixaõ-se estar dormindo quietos no seu retiro. Que he isto? Que confusão he esta? São consequencias de hum Sol posto, sem successão immediata de outro Sol nacido.

24 Oh que grande felicidade foy a nossa! Livrou-nos Deos de hum mal tam grande: sem q se interpuzesse noite alguma, depois de hum Sol posto, logramos immediatamente outro Sol na-

cido.

Gen. I. cido. Aconteceo em Portugal ao pè da letra o que diz aquelle texto : *Factum est vespere, & manè, dies unus* : de huma tarde , & de huma manhã se compoz hum dia. Reparão aqui todos, como podia ser no mesmo dia, primeiro a tarde, & depois a manhã. Vio-se o caso em Portugal. Depois da tarde de hum Sol posto , succedeo immediatamente a manhã de outro Sol nacido : depois de hum Rey morto , hum Rey vivo : & tudo foy no mesmo, & em hum só dia : *Vespere, & manè, dies unus*. Esta foy a felicidade , que o nosso Rey , ainda depois de morto benefico, deixou ao seu Reyno.

25 Mas não seria digna de tam grande estimaçãõ, se não viesse acompanhada com outra , de que tambem depende a conservaçãõ de huma Monarquia: Que aproveita successãõ , se o successor não he qual deve ser ? Se o successor de hum Titan for algum Faetonte ; que serà do triste Reyno com tal successor ? Oh quam grande he a protecçãõ, & providencia ; cõ que Deos favorece ao Reyno de Portugal ! Logramos hũa , & outra felicidade: successãõ, & taõ grande Successor, qual he o muito alto, & muito poderoso Rey, & Senhor N. D. Joãõ V. a quẽ desde o novo mundo consagramos nas aras da fidelidade o applauso das nossas acclamaçoens cõ repetidos vivas envoltos no affecto daquellas vozes:

zes : *De nostris annis*. Este he o grande Successor.

26 O Ecclesiastico parece , que o descreve ,  
 dizendo assim : *Mortuus est pater ejus, & quasi* <sup>Eccl. 30</sup>  
*non est mortuus : similem enim reliquit sibi post se.* 4.  
 Diz, que morrèra hum pay, & quasi naõ morrè-  
 ra ; porque deixàra por succesor de sua casa a hũ  
 filho semelhante a si. Em que consistio esta se-  
 melhança ? Consistio, diz o mesmo texto , no  
 talento, & juizo , que mostrava o succesor para  
 defender a sua casa, conservandole na liga de ami-  
 gos contra inimigos, como no tempo de seu pay :  
*Reliquit enim defensorem domũs contra inimicos, &* <sup>Lid. 6.</sup>  
*amicis reddentem gratiam.* Por isso o Pay mor-  
 reo, & quasi naõ morreo: morreo; porque acabou  
 a vida : *Mortuus est pater ejus* : quasi naõ mor-  
 reo ; porque continuãraõ no tempo do succesor  
 as mesmas felicidades, a mesma liga, & o mesmo  
 governo, como se o pay naõ morrèra *Quasi non*  
*est mortuus.* Venturosa casa com taõ grande suc-  
 cessor !

27 Muito mais vëturoso o nosso Reyno; por-  
 que naõ sò logramos hum Successor semelhante  
 a seu Pay no juizo, & talento, que mostra , para  
 defender o Reyno, para conservar as alianças, pa-  
 ra continuar o progresso das nossas felicidades ;  
 porèm muito mais que semelhãte, no pronostico  
 das nossas esperanças. Assim o promettem os seus  
 heroicos dictames , & as suas insignes prendas ;

quantas admira o mundo, & apregoa a fama. Assim o deseja, & roga a Deos com instancia o Reyno todo, applicando ao nosso Rey morto aquelles euges, & gratulaçoens, que outro Reyno cõ outro igual successor dedicou a hum Rey ainda vivo: *Magnificet Deus thronum ejus super thronum tuum*: Engrandeça Deos o trono de teu successor sobre o teu trono. Esta he a mayor felicidade que póde desejar hum Reyno: que o seu Rey lhe deixe hum successor mais que semelhante a si: que seja muito mais feliz o seu governo, muito mais amplificado o seu Imperio, muito mais avultado o seu trono. Clamem pois de hũa parte as nossas esperanças, dizendo: *Thronum ejus super thronum tuum*. Clamem pela outra parte as vozes do nosso agradecimento, reconhecendo, que hum Rey, que nos deixou tam grande Successor, foy a coroa do nosso Reyno, a coroa das nossas glorias, & felicidades: *Corona capitis nostri: Corona gloriae, diadema regni*.

## §. VI.

28 **T**udo quanto até agora ponderey, são motivos, que exasperão fortemente a nossa dor. Cahio esta coroa: *Cecidit corona*: cahio aquelle Rey, que coroou com tantas glorias, & felicidades ao seu Reyno. Oh justissi-

justíssima razão para hum profundo sentimento !  
 O mesmo Profeta, que lamentou a coroa cahida, o advertio em outro lugar, dizendo assim :  
*Humiliamini, sedete* : Humilhayvos, assentayvos. Jerem. 13 18.  
 Quer dizer : Entristeceyvos muito de affento, & de espaço. *Quoniam descendit de capite uestro* Ibid.  
*corona gloriae uestrae* : porque cahio de vosso Reyno a coroa de vossas glorias. Agora lembra as glorias, quando persuade as tristezas ? Sim: porque fica mais sensivel o golpe das tristezas com a lembrança das glorias. Cahir na sepultura hũ Rey, que corooou com tantas glorias, & felicidades ao nosso Reyno ; efficacíssima razão, para que sejaõ as nossas magoas muito de espaço, & de affento: *Humiliamini, sedete.*

29 Poderà ter alguma consolação a nossa dor ? Variemos de coroa: póde ser, que redobre o alivio com mayor excessõ sobre a intensam do pezar. Dizia eu ao principio: (& tenho entrado na segunda parte do Sermaõ) dizia eu ao principio, que o nosso Rey tambem teve a sua coroa: *Corona capitis nostri*: coroa do nosso Rey: & que era coroa de virtudes a sua preciosa: *Coronam de lapide pretioso, virtutibus ornato.*

30 E que virtudes ? Louvem outros a sua justiça, espaçoso campo para hum largo panegyrico: engrandeção a rectidaõ, com que distribuia os premios, cortando pelos affectos, & razões

zoões particulares, por não faltar ao requerimento dos benemeritos. Louvem outros a sua prudencia, discorrendo amplamente sobre a madureza, com que ponderava os negocios huma, & outra vez, a fim de assegurar o acerto da resolução. Louvem outros a sua clemencia, esprayandose em hum mar de exemplos: ou da benignidade, com que ouvia a seus Vassallos a qualquer dia, & a qualquer tempo por horas muy prolongadas, ainda incommodas: ou do seu genio naturalmente compassivo, com que desejava remediar a todos, de tal modo, que ninguem se apartou de seus pès desconsolado: ou da misericordia, cõ que tẽpera va os rigores da justiça, imitando a Deos, que mais vezes usa do perdaõ, que do castigo.

31 Estas tres virtudes, Clemencia, Prudencia, & Justiça, bastaõ para coroar a hum grande Rey; mas não bastaõ para coroar a hum grande Rey de Portugal. Ha de ter hum Rey de Portugal outras tres virtudes annexas à instituiçaõ do seu Reyno, & por isso proprias, & genuinas da sua coroa. Quaes são?

### §. VII.

32 **A** Primeira he hum vehemente estímullo de guerra cõtra Infeis. Quando o nosso primeiro Rey estava para dar batalha aos Infeis, entaõ lhe appareceo o Senhor, & instituhio



Instituição n'ello Reynado de Portugal. A circū-  
 stancia do tempo, em que foy instituido este  
 Reynado, & a excellēcia do motivo, que foy causa  
 daquella guerra, excitâraõ sempre ponderosa re-  
 flexão nos successores daquelle primeiro Rey,  
 derivando se nelles, como esplendor do sangue, hū  
 bellicoso, & generoso espirito contra os Infiéis.  
 Se me perguntão, que virtude he esta; respon-  
 do, que he huma especie de Religião, a qual abo-  
 mina, & detesta (quanto póde) toda a impieda-  
 de, que lhe contraria. Irmana-se muito cõ Prin-  
 cipes Heroës: suppoem fé viva em hum grande  
 coração.

33 Nesta virtude se affinalou o nosso heroi-  
 co Rey, fazendo guerra aos Infiéis em todas as  
 quatro partes do mundo. Contra os Infiéis na  
 Europa, quando no seculo passado se abrazava  
 em guerras o Danubio: o que não obrou com a  
 espada, porque o não permite a distancia; sup-  
 prio com o ouro, & com a prata, que são as  
 mais promptas officinas do ferro.

34 Contra os Infiéis na Africa, quando os  
 Mouros combatião Ceyta, elle a soccorreo com  
 gente, armas, & muniçoens, avivando com a vi-  
 sta dos presentes a memoria dos antigos Portu-  
 guezes, que à custa do seu sangue conquistarão,  
 & defenderão tantos annos aquella garganta do  
 Mediterraneo. Também no cerco de Oraõ acio-  
 dio

dio aos Christaõs com duas Armadas ; hũa das quaes, a pezar não fô dos Mouros, mas tambem dos ventos, & dos mares, introduzio na Praça o soccorro, que levava.

35 Contra os Infeis na America; que portaes merecem ser avaliados, os que servirão tantos annos de escandalo ao Brasil todo pelas impiedades, & tyrannias, com que o infestaraõ em tam excessivo numero, que subirão de Geneva de Barbaros a Reyno dos Palmares, como se fosse transplantado no coração da America o sertão da Africa. Contra estes mandou ElRey formar algumas tropas; as quaes depois de varios encontros, & resistencias, finalmête os debellarão, & extinguirão.

36 Contra os Infeis na Asia, ou na defença de Goa tantas vezes ameaçada, & ainda posta em cerco pelo rebelde Sobagi; ficando este sempre rebatido nos confictos, humilhada a sua soberba, & o seu campo derrotado: ou contra o perqverso Arabio, embaraçandolhe o commercio, & destroçãdolhe os baxéis nos seus mesmos mares. Apoderouse o Mahometano da Fortaleza de Mõbaça (mais celebre pelo nome, do que pela fortificação) com successo inglorio; porque nã havia nella presidio de Portuguezes: que diligencias não fez ElRey pela restaurar? Acodiõ Goa com Armada, com soccorros Lisboa, com soc-

soccorro a Bahia. Não se restaurou ; mas não foy o Barbaro o que o impedio, não foy o seu poder, não foraõ as suas armas : juizos de Deos occultos o impedirão.

37 Frustrouse a empreza; mas não se frustrou a coroa, que o nosso clarissimo Rey mereceo , & conseguiu pelo fervor, & espirito , com que procurou sempre pelas vias , que lhe eraõ possiveis , fazer guerra aos Infeis. Esta virtude bastava para o coroar.

38 Chama Deos a hũa alma para ser coroadada, & lhe diz, que venha do monte Libano , do monte Amana, dos montes Sanir , & Hermon , das covas dos leoões , & dos montes dos leopardos: *Veni de Libano, veni: coronaberis de capite Cant.4. Amana, de vertice Sanir, & Hermon, de cubilibus 8. leonum, de montibus pardorum.* Dá motivo para reparar, hum texto de S. Paulo : *Non coronatur, 2. ad Tim.2. nisi legitimè certaverit* : Ninguem ha de ser coroado , senão quem pelejar valerosamente. Contra quem havia de pelejar aquella alma , para merecer , & conseguir a coroa ? He proprio dos Cantares o sentido mystico. Aquelles asperos, & despenhados montes , silvestre habitação de brutos : *De cubilibus leonum, de montibus pardorum* : eraõ significação ( como dizem commummente os Expositores ) das terras , & regioens, em que os Infeis habitaõ, pelas asperezas, & precipicios do

do seu inculto, & vasto barbarismo. Aqui tinha aquella alma contra quem pelear: podia pelear contra os Infeis. E de que modo? Daquelle modo, que póde pelear huma alma, ou hum espirito fervoroso em obsequio da Fé, & da Religião: armandose a si, & armando tambem a muitos de hum forte impulso contra os impios, que lhe saõ adversos. Assim está escrito no Livro da Sabedoria: *Accipiet armaturam zelus illius, & armabit creaturam ad ultionem inimicorum: pugnat cum illo orbis terrarum contra insensatos.* Assim, podia pelear aquella alma, para merecer, & conseguir a coroa: *Veni, coronaberis.*

Sap. 5.  
18. &  
21.

39 Tal foy a coroa do nosso esclarecido Rey Anhelou sempre o seu espirito a fazer guerra aos Infeis, já no Libano da Europa, já no Amaná da America, já no Sanir, & Hermon da Asia, já nas covas dos leoens, & nos montes dos leopardos na Africa: que se havia de seguir, senão ficar gloriosamente coroadado? Por ser a virtude, que o coroou, tam guerreira; com coroa de rayos. Esta podia ser a sua preciosa: *Corona capitis nostri: coronam de lapide pretioso, virtutibus ornato.*

### §. VIII.

40 **A** Segunda virtude propria de hum Rey de Portugal, he o zelo das Missões. Quando Christo Senhor nosso instituo

tuhio o Reynado de Portugal, apparecendo ao nosso primeiro Rey, lhe disse assim: (saõ palavras escritas em Latin no testemunho autentico do caso, como referem as nossas Chronicas)

*Volo in te, & in semine tuo imperium mihi stabilire.* Monar. Lusit. p. 1. 10. cap. 5.

Quero em ti, & em teus successores estabelecer hum Imperio para mim. Advirtão. O Reyno de Portugal não he tanto para os Reys delle, como para o mesmo Christo, que o instituhio para si: *Imperium mihi.* E de q̄ modo? O mesmo Christo o declarou: *Ut deferatur nomen meum in ex-*

*teras gentes:* Para que por meyo dos Reys deste Reyno seja o meu nome publicado entre gentes estranhas. Nesta publicação do nome de Christo Ibid.

entre gentes estranhas, & remotas consiste o Imperio para Christo, conforme aquelle texto: *Dabo tibi gentes hereditatem tuam.* Eis-aqui como he proprio de hum Rey de Portugal o zelo das Missoens, com encargo hereditario; porque para o fim das Missoens foy o seu Reyno instituido. Esta he a sua primeira, & principal obrigação: dilatar, & amplificar o nome de Christo por todo o mundo: *Ut deferatur nomen meum in*

*exteras gentes.* PG. 8.

*exteras gentes.*

41 Não digo, que o nosso singularissimo Rey excedeo no zelo das Missoens a todos os mais Reys seus antecessores: mas digo, que nenhum dos Reys seus antecessores o excedeo. O Rey, que

q̄ celebra a Escriptura por insigne nesta virtude, foy Josafat, o qual no terceiro anno do seu Reynado se mostrou notavelmēte sollicito em mādar Missionarios pelas terras, & Cidades de Judea: *Tertio anno regni sui misit Levitas, & Sacerdotes: docebantque populum in Jfuda, habentes librum legis Domini, & circuibant cunctas urbes Iuda, atque erudiebant populum.* Naõ posso fazer comparação igual entre este Rey, & o nosso Rey.

42. Este Rey tratou de Missõens no terceiro anno do seu governo. O nosso Rey em trinta & oito annos, que governou, sempre attendeo ao progresso das Missõens, com tam cuidadoso, & vigilante zelo em hum anno, como no outro. Aquelle Rey contentouse com mandar Missionarios pelas terras, & Cidades de hum só Reyno. O zelo do nosso Rey naõ se restringio a tam pequenos limites: dilatavase amplamente pelas terras, & regioens, que estaõ debaixo de hum, & outro hemisferio. Missionarios para o Brasil, Missionarios para Angola, Missionarios para S. Thomè, para Cabo-verde, para a India, para o Malabar, para a China: media-se o seu zelo pelas medidas do Mundo. Aquelle Rey no seu anno de Missõens mandou dezaseis Missionarios, aos quaes todos individua a Escriptura por seus nomes, eternizados em hum, & outro livro: no livro da vida, que ha na terra; & no livro da vida

vida, que ha no Ceo, como supponmos. Não sabemos, que obrasse mais este Rey : porém sabemos, que o nosso Rey obrou muito mais.

43 Quam grande he , & tem sido o numero dos seus Missionarios ! Para aumentar este numero, determinou rendas, & assignações com larga mão, como quem armava ao mayor de tantas almas, que enthesourava no Ceo. Instituhio a Junta das Missoes , nomeando por substitutos, & coadjutores do seu zelo pessoas de authoridade, que attendessem a promovellas com especial ponderação. Foy advertencia de muitos , que abraçava El Rey com summo agrado todos os conformes, & resoluções deste congresso, espertando a execução com singular empenho. Como se não bastasse haver Junta de Missoens em Lisboa, ordenou, que a houvesse também nas Cidades principaes ultramarinas , para que mais ao perto se examinassem os meynos opportunos para tam alto fim. Sobre Missoens eraõ frequentes as cartas , que fazia escrever aos Bispos , & Governadores , & aos Prelados das Religioens, com termos tam encarecidos, que bem mostrava ser este hum dos mayores empregos do seu cuidado. Despediaõ-se d'elle os Missionarios , que partiaõ de Lisboa ; & pasmavaõ da efficacia, com que discorria pelas razoens, & motivos , que os podiaõ afferavorar no exercicio das Missoens. Liaõ-se muitas vezes em sua presença, como lição espiritual , as

cartas dos seus Missionarios: & algũa vez aconteceo, que as ouvio ler, saindolhe pelos olhos defeito em lagrimas o zelo do coração.

44 Oh Rey incomparavel! Oh espirito verdadeiramête de hũ Rey Portuguez! Essas lagrimas, em que brotou o teu ardente zelo, eraõ as mais ricas perolas do teu thesouro. Grande foy o teu poder, grande a soberania, com que reynastes em huma Corte de tam grande opulencia, em hum Trono de tam grande Magestade, em hum Palacio, aonde assistiaõ, & serviaõ tantos Grandes: mais q̃ tudo, & sobre tudo avultou este teu zelo.

45 Lá diz hum verso do Psalmo, que houve hum Rey em Jerusalem constituido Rey sobre o monte Sion: *Constitutus sum rex super montem Sion.* Jerusalem està situada em huma como la-deira larga, & espaçosa, que sobe para o mesmo monte, que por ser altissimo, com razaõ se pôde chamar o Olympo da Palestina. O que admira, he, que naõ fosse este Rey constituido Rey na sua Cidade, aonde tinha a sua Corte, o seu Trono, & o seu Palacio. No cume de hum monte? Sim. Era Rey, que tinha tomado por primeira maxima zelar as Missões, promulgando a ley de Deos por todo o mundo: *Super montem Sion pradicans præceptum ejus: hoc est, legem Dei: expoẽ Lorino: & acrescenta: Per omnes gentes, per universum orbem.* Zelar Missões hum Rey, tam alta, & soberana empreza; que tudo o mais lhe



fica muito abayxo : Cidades , Tronos, Palacios , tudo lhe fica ao pè do monte: o zelo das Miffoês no cume, sobre tudo, & mais que tudo : *Super montem Sion prædicans legem Dei per omnes gentes, per uniuersum orbem.*

46 Assim avultou no nosso Rey, mais que tudo, & sobre tudo o mais, o seu zelo de Miffoês: avultou sobre o cume de todas as suas grandezas: tam alto subio, que o coroou. Com que coroa? Com aquella coroa, a que alludio S. Paulo, quando disse, fallando com os seus convertidos : *Vos estis corona mea* : Vós sois a minha coroa. Podia o nosso zelosissimo Rey lançar os olhos por todo esse mundo , desde o Tejo até muito além do Ganges ; & contemplando hum numero sem numero de almas convertidas por meyo dos seus Missionarios, podia dizer : *Vos estis corona mea* : Ad Phil 4.1. Vós sois a minha coroa. Com esta coroa o coroou o seu zelo de Miffoens : por ser coroa illustrada com o lume da Fè, foy coroa de resplandores : esta podia ser a sua preciosa : *Corona capitis nostri : coronã de lapide pretioso , virtutibus ornato.*

§. IX.

47 **A** Terceira virtude especialmête appropriada a hum Rey de Portugal , he a piedade Christãa. Quem considerar attentamête a instituição do Reyno de Portugal, achará , que tudo quanto nella interveyo , foraõ symbolos, & representações desta virtude. Pintemos em hũ

quadro a nosso primeiro Rey posto de joelhos , todo enlevado, cõ os olhos fixos em hũ Christo crucificado. Devotissima idéa ! Sairão da boca do mesmo Senhor aquellas divinas palavras :

Monar.  
Lusit.

*Agnoscant successores tui datorem regni*: Reconheçaõ os teus successores a quem lhes deo este Rey = no. Affectuosa recommendação ! Assistiráõ de hũa,

ibid.

& outra parte innumeraveis Anjos : *Ex una , & altera parte multitudo juvenum candidissimorum , quos Sanctos Angelos fuisse credo*. Entre os quaes avultará hum Anjo de superior jerarquia , Anjo da guarda do Reyno , o qual estará sustentando as insignias do mesmo Reyno, dispostas, & ordenadas pelo mesmo Senhor crucificado, todas expressivas da devaçãõ, & piedade Portugueza. Cinco escudos dentro de hum escudo :

ibid.

*Propter Crucem, & quinque vulnera* : em memoria da Cruz , & das cinco Chagas. Dentro de cada hum dos escudos as trinta moedas , que foraõ o preço da

ibid.

nostra redempçaõ : *Ex pretio, quo humanum genus emi*. Sobre todas estas insignias a Serpente de

ibid.

bronze : *Ob figuram Christi* : por ser figura de Christo. Vejaõ , que divisas tam pias , & tam devotas ! No mesmo quadro, de hũa, & outra parte, grãde multidaõ de Portuguezes armados, acõpanhando a seu Rey , todos de joelhos , ouvindo o que o mesmo Senhor lhes diz : *Regnum mihi sanctificatum, fide purum, pietate dilectum* : Este he o Reyno santificado, puro na Fè, amado por sua

piedade. Eis-aqui a pintura da instituiçãõ do Reyno : a qual toda, & em tudo respira piedade Christãa.

48 O nosso Augustissimo Rey a appropriou tanto a si; que bem merece a insigne nomenclatura de Pio, cõ q̃ geralmente o acclamaõ todos. Esta he a mayor acclamaçãõ, que pôde conseguir hum Rey : vem a lograr hum Rey da terra por attribuiçãõ aquelle titulo, que só compete, como diz hum texto , ao Rey do Ceo por attributo :

*Solus pius es.* Advertencia , que fez ao Emperador Honorio o seu panegyrista, ainda como politico, encomendandolhe muito, que aspirasse no seu governo em primeiro lugar ao titulo de Pio:

Apoc.  
25.4.

*Sis pius in primis.* Para hum Rey merecer este titulo com verdade, sãõ muitas as virtudes, que deve exercitar : as quaes por serem subalternadas à piedade, bem se podem chamar piedades, como diz o Sabio. *Quorum pietates non defuerunt.* Deve ser muy obediente à Sè Apostolica , bem affecto ao estado Ecclesiastico , propenso às Religioens, amigo dos virtuosos. Deve esmerar-se no culto divino, na devaçãõ ao Santissimo Sacramento , à Virgem Santissima , & aos Santos , particularmente aos escolhidos por especiaes intercessores, & advogados. Deve frequentar os Sacramentos , assistir com pontualidade aos Officios divinos, & sujeitar-se tambem aos rigores da penitencia. Todas estas virtudes deve exercitar hũ Rey,

Claud.  
de 4.  
consul.

Eccl. 44  
10.

para merecer sem dependencias da lizôja o venerando appellido de Pio. De todas deo ao mundo singulares demonstraçoens o nosso pijssimo Rey.

49. A' Sé Apostolica quam sujeito, & rendido. Necessario foy algumas vezes allegar o seu direito: mas com quanta subordinaçãó áquelle supremo arbitrio? Obedientissimo sempre, como Rey de Portugal, a tudo se accõmodou, prezando-se mais de filho da Igreja, que de Rey. Ao estado Ecclesiastico com quantas mostras, não ló de benevolencia, mas ainda de reverencia o tratou, & respeitou! Não queria, que os Principes dessem a mão a beijar aos que tomaõ a Deos nas mãos: nem tinha por desdouro da Magestade, olhando para elles, abaixarlhes a cabeça, venerando nas figuras de Christo ao figurado.

50. Que direy da inclinaçãó, & affecto, que teve às Religioens, não ló favorecendo-as com dadivas, & provisoens amplissimas, mas ainda promovendo (quanto cabe na Real esfera) o seu aumento, quietaçãó, & observancia? Especialmente amava aos Religiosos de conhecida virtude: tratava-os familiarmente, dizendolhes, que era amigo seu: como quem sabia, que não perde hum Rey o soberano, sendo amigo dos virtuosos. Geralmente não havia para elle mayor valia, nem motivo mais preponderante, do que a virtude: lançava logo as suas linhas para qualquer externa superficie, que de algum modo se confor-

formava com o centro da sua piedade.

51 No culto divino quanto se elmerou! Os Té-  
plos, & os Altares declamarão sempre os enco-  
mios da sua devaçãõ inseparavelmente unida  
com a sua magnificencia. Ao Santissimo Sacra-  
mento quam entranhavel foy a sua veneraçam!  
Innumeraveis vezes no dia o visitava; despertan-  
do-o para repetir a cada passo estas visitas a Fè,  
que tinha muy viva, de tam alto mysterio. To-  
das as vezes, que no despacho se nomeava o San-  
tissimo Sacramento, pronunciava logo em voz  
clara, & muito devagar: *Louvado seja o Sãtissimo*  
*Sacramento*: & o mais, que se váy seguindo; fi-  
cando tudo em suspensãõ, em quanto aquelle  
peito desaffogava o fervor, que nelle se accêdera.

52 Não foy menos cordial a sua devaçãõ à  
Virgem Santissima. Todos os Sabbados visitava  
humã Ermida da mesma Senhora com o titulo  
das Necessidades, distãte humã legoa de Lisboa,  
enriquecendo-a com grãdiolas offertas. A mayor  
de todas era o seu coraçãõ.

53 No obsequio dos seus Santos quam cui-  
dadoso, & diligente! Ao Patriarca S. Francisco  
tributava singularissimo affecto: entrou por seu  
Irmaõ Terceiro, & entãõ mostrou ser em tudo  
primeiro que todos, tanto na edificaçãõ, como na  
Pessoa. Na translaçãõ da Rainha Santa quam em-  
penhado, & solícito! Mandou fabricar hũa Ca-  
pella cõ esplendidissima sumptuosidade, para de-  
posi-

*Sermão nas Exequias de*

positar nella o bẽdito Corpo:& dispoz hũa tam solẽne, & magestosa pōpa, qual por vêtura Gombra mudada entã em Lisboa nũa vio mayor. Em honra dos seus Santos, naõ sabia reparar em gastos o seu igualmente pio, & generoso animo.

54 Quanto à frequencia dos Sacramentos:naõ faltava, como Graõ Mestre da Ordẽ de Christo, à obrigação de se cõfessar, & cõmungar, alẽm de outras muitas vezes, nas quatro festas do anno. Grãde Mestre; porq̃ ensinava cõ o seu exemplo: grãde Rey; porque sabia ser na Ordem de Christo grãde Mestre. Quando se confessava, como era de coraçã brando, & timorato, facilmẽte rōpia em lagrimas. Oh espectaculo digno de que lhe sirva o mesmo Ceo de theatro! Hũ Rey chorãdo as suas culpas, posto de joelhos aos pès de hũ Cõfessor.

55 Em assistir aos Officios divinos quam pōtual! Ouvia Missa todos os dias cõ tanta decencia, cõposiçã, & modestia; q̃ bastava a sua prelença, para infũdir devaçã. Trinta & seis Missas mādava dizer todos os dias por sua intençã: tam devoto era deste sacrosanto Sacrificio. Em ouvir Sermões quam attẽto, & reflexivo! Gostava da palavra de Deos; porq̃ sẽpre teve propẽsaõ aos gostos da alma: nẽhavia para elle cõversaçã mais gostosa, do q̃ sobre materias espirituas. Oh como parece bẽ hũ Rey tẽporal, & espiritual juntamẽte! Este he o Rey verdadeiramẽte feliz; porq̃ attẽde a cõseguir  
hum

hum Reyno depois do outro : depois de hū Reyno temporal, outro eterno.

56 No exercicio da penitência, sendo Rey de tão mundo, foy tyrão de si mesmo. Oh q̄ confusão para aquelles , q̄ estão tam longe de serē Reys , como de serē penitentes! Nos ultimos annos de sua vida, hū anno inteiro dormio sobre hūa taboa. Duro supplicio , penar nas mesmas horas do descanso, descansar no mesmo lugar do tormêto. Servio de intercessora hūa doença grave, q̄ impedio a continuação do castigo , q̄ elle contra si mesmo fulminou. Havia muitos annos , q̄ jejuava todas as sextas, & sabbados cō tal rigor , q̄ nunca quiz, ainda cō justa causa, dispenstar-se para comer carne. Todas as sextas feiras da Quaresma jejuava a paõ, & agua: todas as quartas, sextas, & sabbados tomava rigorosas disciplinas, & cilicios. Hūa taboa por cama; jejuns a paõ, & agua; disciplinas, & cilicios: q̄ mais faz hū Eremita no seu deserto? Isto fez hum Rey no seu Palacio. Oh que grande maravilha!

57 Vejaõ agora, cō quanta razaõ o engrãdece o mundo cō o titulo de Pio. O mundo lhe tẽ dado o melhor titulo : & sua piedade lhe deo a melhor coroa. Que melhor coroa, q̄ cada hūa das virtudes, q̄ como Rey tam pio exercitou? Aquelle coroadado tam applaudido no Apocalypse, bẽ mostrava ser figura de hū Rey pio, pelas muitas , & singulares virtudes, q̄ nelle resplandeciaõ. Mas he digno de reparo , q̄ o visse S. Joãõ coroadado com  
mui-

Apoc.  
19. 12.

muitas coroas : *In capite ejus diademata multa.* Para q̄ tantas coroas? Não bastava hũa só? Nam podiaõ deixar de ser muitas as coroas neste Rey, sendo tantas as virtudes, cõ q̄ o illustrava a sua piedade : em cada hũa das virtudes cõseguia hũa coroa. *In singulis virtutibus coronam accipit:* disse S. Jeronymo. Assim foy o nosso Rey coroado : não quiz hũa coroa , & coroouse cõ muitas : a sua piedade lhe fabricou em hũ cõplexo de virtudes hũ aggregado de coroas: cada hũa dellas podia ser a sua preciosa: *Corona capitis nostri: coronam de lapide pretioso, virtutibus ornato.*

Sylv. in  
Apoc.  
c. 19. q.  
36. n.  
290.

### §. X.

58 **C**Ahio esta coroa: *Cecidit corona.* Como cahio? Vejamos primeiro, como foy a cahida do seu coroado. Logo nos primeiros assaltos da doença se dispoz para hũa Confissãõ geral, que fez cõ muita devaçãõ, com muitas lagrimas, cõ todos aquelles sinaes exteriores, que costumãõ ser espelho de hũ coraçãõ cõtrito, & humilhado. Esta foy a sua primeira diligencia ; porq̄ trazia diante dos olhos a sua alma primeiro q̄ tudo. Reconciliouse muitas vezes, repetindo em cada hũa as mesmas demonstraçoẽs cõ tanta efficacia, quãta se póde imaginar de quem tinha tam bons habitos, & conhecia, q̄ aquellas eraõ as ultimas horas de sua vida. Recebeo o Santissimo Viatico , & o Sacramento da Unçãõ, cõ enternecidos affectos , cõ fervorosos actos de Fè, Esperança, & Caridade;



de; cõ protestos firmes, de q̃ morria como Christaõ filho da Igreja. Assim disposto ; depois de applicadas as Indulgencias, depois de advertir , & recomendar o q̃ convinha, ou como Rey , ou como Pay; com grande confiança na divina misericordia; com grande conformidade , paz, & fõssego; entre as suavissimas invocaçoens de Jesus, & Maria, entregou o espirito a seu Creador. Oh alma ditosa ! Já sabes , quanto acertaste na coroa, que escolheste.

59 Mas que importa? Veyo finalmente a cahir esta coroa : *Cecidit corona*. Não podia cahir mal, cahindo tam felizmente o seu coroadado. Consolemonos; porq̃ cahio na mão de Deos , & ficou inteira, como coroa de hũ Rey tam justo : *Iustus* <sup>Psal. 36: 24.</sup> *cùm ceciderit, non collidetur : quia Dominus supponit manum suam*. Cahio na mão de Deos, para melhor de esmaltes com novo resplendor , & fermolura : *Diadema speciei de manu Domini*. Cahio, <sup>Sap. 8: 17</sup> para levantar de preço : cahio, para subir mais: era coroa de merecimentos , já he coroa de premios : era coroa de virtudes, já he coroa de glorias. Cahio em boas mãos, nas quaes achou descritas as mesmas virtudes, de que se compunha : *In manibus meis descripsi te*. Assim cahio esta co- <sup>I sai. 49: 26.</sup> roa : *Cecidit corona*.

60 Consolemonos ; porque assim cahio tãbem o seu coroadado. Cahio na terra, & reflectio para o Ceo, aonde tinha o seu centro. Cahio no ponto da

da reflexaõ, que he o fim da vida ; & logo achou nelle o seu descanso. Cahio da nossa vista ; ficou na nossa lembrança, para nunca cahir mais. Cahio no mar das nossas saudades, o qual nunca poderã esgotar nem os annos, nem os tempos , nã o esquecimento. Os mesmos marmores da sepultura, em que cahio, serãõ monumentos perênes de sua immortal memoria : as mesmas letras do seu nome cahidas no seu epitafio , serãõ caracteres inextinguiveis de sua plausivel fama.

61 E tu, ô Portugal, em quanto as aguas do Oceano forem sulcadas pelos teus baxeis : em quanto hum , & outro Sol allumiar as terras do teu Imperio : em quanto durar nos livros a gloria, & lustre de tuas emprezas ; naõ deixaràs de reconhecer, & apregoar , que tiveste neste Rey hum grande Rey, coroa do teu Reyno, coroa de tuas glorias, & felicidades : *Corona capitis nostri : Corona gloriae, diadema regni.* Naõ deixaràs de applaudir, & venerar a coroa de suas heroicas virtudes : *Corona capitis nostri : coronam de lapide pretioso, virtutibus ornato* : coroa preciosa nesta vida, mais preciosa na outra : *Quam mihi, & vobis, &c.*

LAUS DEO.





## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).